UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

FERNANDA APARECIDA ROCHA ROLON BARBOSA

HAMLET: A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM RENASCENTISTA

Pontes e Lacerda - MT
2008

82.0
B238h
ex.01

FERNANDA APARECIDA ROCHA ROLON BARBOSA

HAMLET: A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM RENASCENTISTA

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof[a]. Érika Regina Souza

Pontes e Lacerda - MT
2008

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Profª. Érika Regina Souza

Orientadora

Profª. Valmira Sodré Austríaco de Moraes

Convidada

Profª. Ms. Sílvia Regina Nunes

Convidada

Pontes e Lacerda – MT

2008

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar gostaria de dedicar esse trabalho a Deus, que foi quem sempre me amparou e me deu forças nos momentos mais difíceis não só deste trabalho, mas também nos momentos difíceis desses quatro anos e também de toda a minha vida. Dedico também a minha mãe, pois se não fosse por ela, não teria tido condições de cursar essa faculdade.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar gravado nessas linhas meu profundo agradecimento à Deus, pela oportunidade e pelo privilégio de freqüentar este curso e adquirir novos conhecimentos.

À minha mãe, que tanto me deu força e condições para cursar essa faculdade, acreditando sempre em minha capacidade.

E, às minhas amigas, em especial, Flávia e Lucineide, que estiveram comigo durante toda essa caminhada e desde o início foram companheiras, sempre me dando força, principalmente nos momentos mais difíceis e de maior desespero, com demonstração de sincera amizade.

"Que obra prima é o homem! Como é nobre em sua razão! Que capacidade infinita! Como é preciso e bem feito em forma e movimento! Um anjo na ação! Um deus no entendimento, paradigma dos animais, maravilha do mundo. Contudo, pra mim é apenas a quintessência do pó. O homem não me satisfaz..." (HAMLET)

RESUMO

Este ensaio monográfico tem como foco principal fazer um estudo sobre a representação do homem renascentista em "Hamlet" (1600/1), de William Shakespeare, bem como enfatizar as principais características do Renascimento. Além disso, buscaremos fazer um estudo sobre Shakespeare como sendo o maior dramaturgo da literatura universal e, conseqüentemente, um estudo sobre Hamlet como personagem do período renascentista, abordando o homem como o centro do universo.

Palavras-chave: Vingança, dúvida, loucura (real / fingida), morte, Renascimento.

SUMÁRIO

Dedicatória....4
Agradecimentos....5
Epígrafe....6
Resumo....7
Introdução....9
1- O RENASCIMENTO....10
2- WILLIAM SHAKESPEARE: MAIOR DRAMATURGO DA LITERATURA UNIVERSAL....16
3- "HAMLET": UM PERSONAGEM DO PERÍODO RENASCENTISTA....26
4- Considerações finais....45
Referências bibliográficas....46

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco principal fazer um estudo acerca da representação do homem renascentista em *"Hamlet"* (1600/1), de William Shakespeare. Para isso, tomaremos como embasamento teórico alguns textos de Bloom, Heliodora e Burgess.

Este trabalho será dividido em três capítulos, nos quais abordaremos as principais características do período renascentista com ênfase na obra "Hamlet" e, em conseqüência, o universo de Shakespeare.

No primeiro capítulo, **O Renascimento**, faremos um estudo acerca do movimento renascentista no sentido de abstrair as principais modificações que o mesmo proporcionou ao homem, uma vez que o homem passou a ser o centro do universo. Assim, buscaremos compreender como esse período influenciou o campo das artes, da literatura e das ciências.

No segundo capítulo, **William Shakespeare: o maior dramaturgo da literatura universal**, realizaremos um estudo sobre o universo shakespeariano com o objetivo de compreender a maneira que o dramaturgo apresenta o personagem renascentista em suas peças, uma vez que nelas são apresentadas personagens mais próximos da realidade do homem comum, com suas paixões, incertezas e questionamentos.

No terceiro e último capítulo, **Hamlet: um personagem do período renascentista**, buscaremos fazer uma análise acerca do personagem Hamlet, enquanto um personagem do período renascentista, uma vez que o mesmo está correlacionado com as transformações que ocorreram no decorrer do referido período. Hamlet é um personagem que apresenta um traço marcante de pessimismo e melancolia, pois se encontra cercado de indícios maléficos.

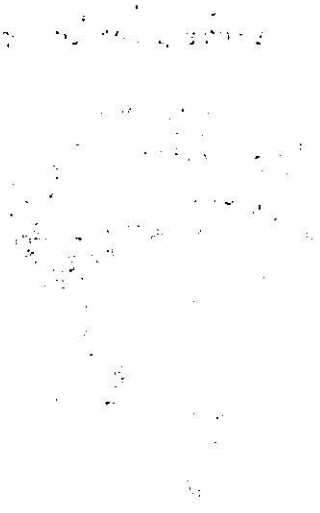
1- O RENASCIMENTO

O Período Renascentista começou no século XIV na Itália e se estendeu até o século XVI por toda a Europa. Tal período, conhecido também como Renascença, foi um movimento cultural da Europa que expressou a mentalidade burguesa e fez parte das transformações que caracterizam a transição do Feudalismo para o Capitalismo, sendo considerado assim como um marco final da Idade Média e o início da Idade Moderna.

Durante o Período Renascentista, em virtude dos mecenas (burgueses ricos e representantes do alto clero), muitos progressos e realizações ocorreram no campo das artes, da literatura e das ciências. Esses progressos tiveram início em Florença, quando os mecenas financiaram uma quantia infinita de obras de arte de poetas, pintores, escultores e arquitetos, no sentido de contribuir com o desenvolvimento das artes, em geral, da região para torná-las mais populares.

O mecenato, prática comum na Roma antiga, foi fundamental para o desenvolvimento da produção intelectual e artística do Renascimento. Durante os séculos XIV e XV algumas cidades italianas, como por exemplo, Gênova, Venezuela e Florença, passaram a acumular grandes riquezas oriundas do comércio, deixando assim a Itália conhecida como o berço do Renascimento, apesar desse movimento cultural ter se espalhado por outros países europeus, como Inglaterra, Espanha, Portugal, França e Países Baixos.

Monalisa de Leonardo da Vinci: uma das obras de arte mais conhecidas do Renascimento



Para os artistas do Período Renascentista, o homem tinha uma visão completa e humana da natureza. Ele era visto como um ser perfeito, que conduzia a vontade de Deus na Terra, que procurava explicações racionais e científicas para os fenômenos da natureza, valorizando as idéias individuais e científicas e também o próprio corpo.

O homem "moderno", assim como os gregos, diferentemente do homem da Idade Média, também valorizava o antropocentrismo. Ele passou a ser visto como o centro do Universo, tudo girava em torno dele, o trabalho, as guerras, as transformações, os amores, as contradições humanas, tudo se tornou objeto de preocupação do homem, entendido e compreendido como produto de sua ação.

O Renascimento foi, também, um movimento de glorificação do homem carnal e espiritual, da ciência e dos valores burgueses que deu início ao Humanismo no início do século XIV, quando o italiano Francesco Petrarca - o primeiro humanista do Renascimento - colocou o homem no centro das ações, ou seja, como principal responsável pelas mudanças sociais.

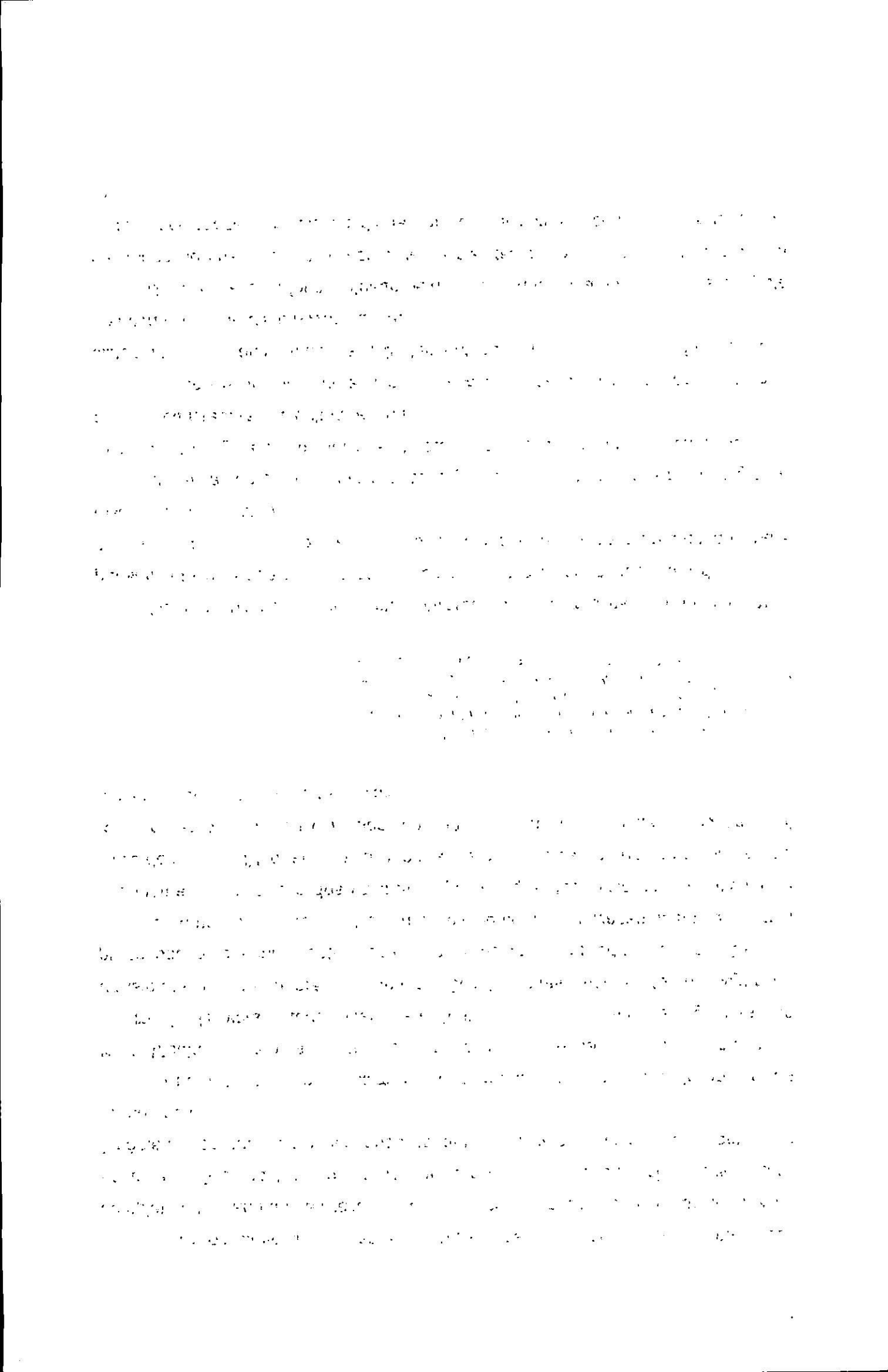
> *...período do novo saber, da nova liberdade, do novo empreendimento, do período da celebração do Homem mais do que Deus: (...) As antigas restrições da Igreja e as limitações impostas ao conhecimento tinham sido destruídas; o mundo começa a abrir-se...* (BURGESS, 1996:83)

Os humanistas, assim como Petrarca, eram religiosos, porém, tinham o pensamento baseado no antropocentrismo, Deus e a Igreja deixavam de guiar o homem, e este por si só, passou a obedecer à reflexão mais aprofundada para discenir seus caminhos.

O pensamento humanista fez ressurgir na cultura européia a filosofia grego-romana, restringida à filosofia e à literatura, já que os humanistas eram homens cultos e admiradores da cultura antiga.

O homem que fez parte dessa época era individualista, rompendo com o sistema feudal e também com a visão teocêntrica da Igreja e, por si só, foi em busca de novas descobertas e novos valores.

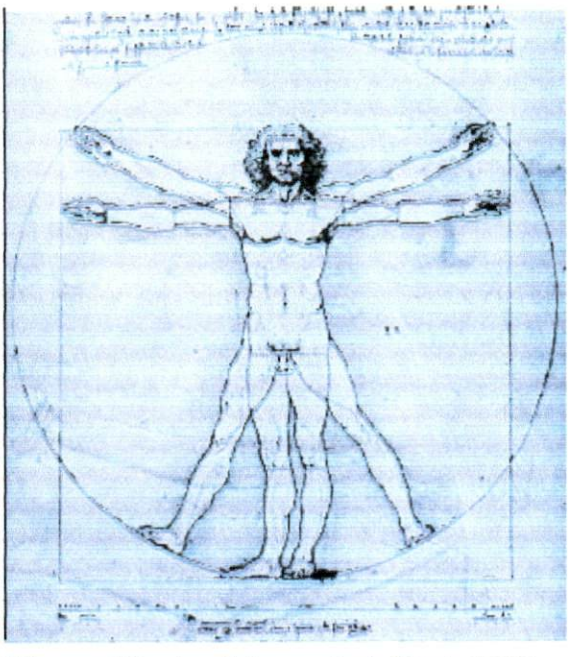
O individualismo foi acentuado pela idéia de que cada um é responsável pela condução de sua vida, de opinar e de se manifestar sobre diversos assuntos em meio à sociedade, em relação direta com outros homens sem a necessidade de isolamento.



Como o Movimento Renascentista fez ressurgir o interesse da Europa pela cultura e pelos valores da Antiguidade Clássica, textos latinos e gregos foram revisitados e o homem renascentista deparou-se com o ideal do humanismo, que propunha a ressurreição consciente do passado, quer dizer, a valorização do homem e da natureza em oposição ao divino e ao sobrenatural, contrariando a visão medieval.

No Movimento Humanista a imagem tinha ênfase sobre o próprio original, isto é, o homem tenta recriar uma arte que representa suas ações / imagem semelhante a si mesmo, ao contrário do Cristianismo que professara uma criação à imagem e semelhança de Deus.

O desenho abaixo, de Leonardo Da Vinci, descreve como a forma humana poderia ser encaixada em um círculo e, ao mesmo tempo, dentro de um quadrado com as mãos e pernas abertas, sendo o umbigo o centro, que mostra o interesse pela dimensão da exibição da imagem humana, desenvolvido no século 5 a. C. pelos gregos.



"O Homem Vitruviano", Leonardo da Vinci, (1492).

As principais manifestações do Humanismo foram o desenvolvimento da prosa e o do teatro popular. Este último, foi a manifestação literária que mais esclareceu as características do período humanista, dando início a uma nova conduta.

O teatro elisabetano cresceu quando o comércio inglês se impôs e expandiu-se pelo mundo, favorecendo a prosperidade econômica e o progresso da burguesia. Nesse momento em que o teatro elisabetano cresceu, Shakespeare e outros autores do drama escreveram peças que rompiam com o estilo em que a Inglaterra estava acostumada.

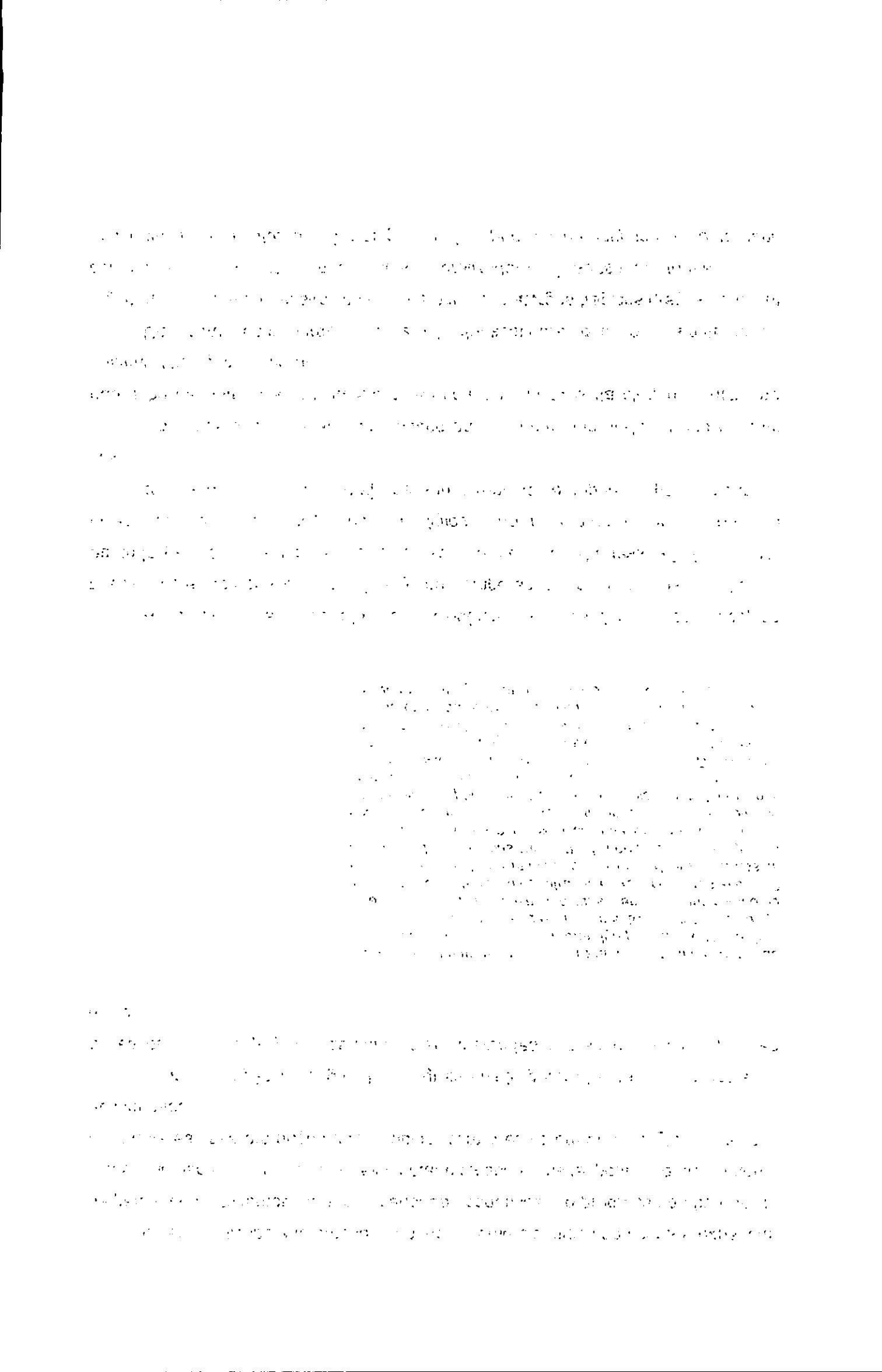
O drama inglês foi originado na Igreja cristã, porém foi paralisado por seus excessos, pois as peças encenadas eram marcadas por apegos ao ultraje e ao horror.

> *...Quando o drama retornou à Europa, o fez de maneira tímida e modesta, a serviço da própria Igreja. (...) A missa tem movimento, diálogo, cor, desenvolvimento e clímax... a Igreja está preocupada em transmitir a seus membros a majestade do tema do sacrifício de Cristo, através de recursos dramáticos. O ritual é um aspecto da religião, o outro é a doutrina. E assim, por meio de uma transição natural, podia-se esperar que os recursos dramáticos pudessem ser usados para transmitir às pessoas comuns – pessoas incapazes de ler ou se interessarem por sermões – o mais importante dos ensinamentos da Igreja. Já no século IX, encontramos o genuíno, diálogo dramático inserido na missa do Domingo de Páscoa. A Ressurreição de Cristo é celebrada nesse dia, e esta Ressurreição é renovada e atualizada através de um diálogo entre os anjos na sepultura de Cristo e as três Marias que vieram para guardar o seu corpo.* (BURGESS, 2002:63)

Ao serem mais elaboradas, com exigência de mais domínio de palco, as peças sobre personagens do Evangelho romperam-se com o ritual da Igreja, partindo para o processo de secularização que, segundo Burgess (2002:64), quer dizer: *...controle e participação de não-religiosos, do homem da rua em oposição ao padre da igreja.* Com isso, a Igreja passou a reprovar e impedir a participação do clero.

Os temas seculares abriram espaço para o drama moralista, drama no qual não tinha nenhuma história da Bíblia. Ao contrário, através da alegoria tentava-se ensinar uma lição de moral.

De acordo com Burgess (2002:61), Shakespeare, o maior dramaturgo da Inglaterra e do mundo, assim como os demais dramaturgos trágicos gregos, também acreditava que o teatro tinha função moralizadora: *O senso de forma é algo admirável nos dramaturgos trágicos gregos. Sua principal preocupação é contar uma*



história e enfatizar a significação moral dessa história; tudo está subordinado a esse fim.

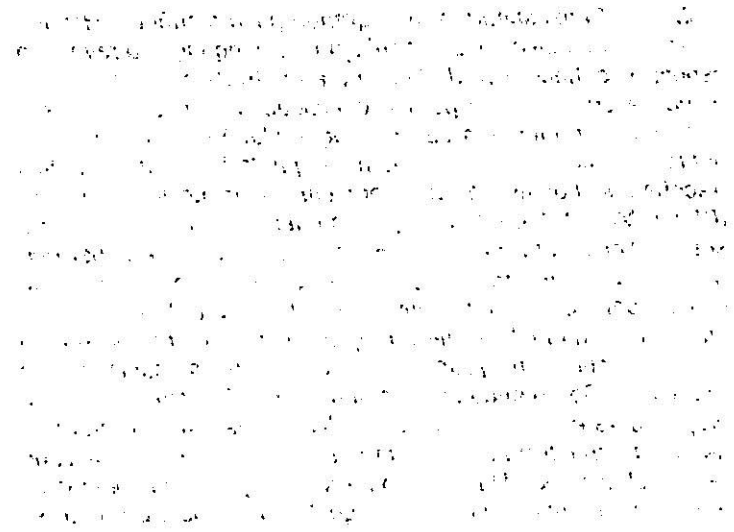
Acreditando nisso, Shakespeare com o intuito de pregar a moral criou a peça "Hamlet" (1600/1), na qual se empregando do sentido alegórico-religioso e apresentando personagens de todas as classes sociais, isto é, desde coveiros até rei, atingiu a realidade vivenciada pelo homem juntamente com seus conflitos.

Em "Hamlet" (1600/1), Shakespeare, apresenta um mapa acerca do comportamento da vida da loucura, uma vez que ela está correlacionada com o real e com o imaginário / fingimento. Com isso, apresenta traços de um sofrimento opressivo e uma raiva veemente, explorando assim temas como traição, corrupção, vingança, incesto, enfim, moralidade.

Não obstante, Shakespeare, em "Hamlet" (1600/1), lida com questões subjetivas do ser humano relacionadas com a imitação da realidade, ou seja, lida com o imaginário do homem fazendo com que o mesmo sirva de ensinamento para sua vida.

Podemos dizer, então, que Shakespeare em suas obras, particularmente em "Hamlet", cria personagens com conflitos internos e, posteriormente, externos que refletem diretamente em sua convivência com o mundo que está a sua volta. Esses conflitos podem ser considerados como marco das características do Renascimento, isto é, o homem como o centro do universo, *o homem é a medida de todas as coisas*, uma vez que era o personagem Hamlet que decidia todas as ações dentro da tragédia. Em consonância com Cézar Augusto da Silva (2002: s/p):

> *a obra de Shakespeare é uma grande peça alegórica. Hamlet, personagem-chave, é a articulação da vingança: através do espectro conhece a verdade sobre a morte de seu pai, articula planos e cria artifícios para a execução dos mesmos. Esses artifícios e pormenores são os traços alegóricos, através dos quais as ações desenvolvem-se pautadas nos detalhes "recobertos, por assim dizer, por um manto de invisibilidade" (BENJAMIN, 1984, p.215). Apenas quem os maneja domina o seu conhecimento e eficácia. Embora possamos perceber que a trama gira em torno do "poder" este não ocupa o centro da cena, como convém à convenção clássica (...) Nesse jogo ambíguo, nada melhor que o próprio recurso teatral, ou seja, o teatro adentra o próprio teatro como mecanismo de representação do enganoso perfil humano. O teatro primeiro, a própria obra escrita, faz-se como alegoria de uma sociedade e de um tempo histórico; o teatro segundo, aquele idealizado pela astúcia de Hamlet, torna-se alegoria do alegórico, marcando a artificialidade tão ao gosto do barroco. É o recurso*



> *da fragmentação sendo empregado como mecanismo de entendimento do conjunto.*

Sem dúvida, o Humanismo foi um dos principais movimentos filosóficos que mudou os rumos do conhecimento, pois além de fazer parte da ruptura entre Igreja e Ciência teve influência em várias áreas das ciências humanas. De tal maneira, começaram a surgir academias e liceus laicos, nos quais se estudavam o latim e o grego, ou seja, as línguas clássicas, sem deixar de analisar cientificamente os fenômenos da natureza.

2- WILLIAM SHAKESPEARE: MAIOR DRAMATURGO DA LITERATURA UNIVERSAL

William Shakespeare, poeta nacional da Inglaterra e maior dramaturgo da literatura universal, nasceu em Stratford-On-Avon, Warwickshire, onde foi batizado em 26 de abril de 1564 na igreja da Santíssima Trindade, porém seu aniversário era comemorado no dia 23 de abril. Shakespeare casou-se aos 18 anos, em 1582, com Anne Hathaway, filha de um proprietário rural de Shottery, com quem teve três filhos, Suzana, batizada seis meses após o casamento e os gêmeos Hamlet e Judite que nasceram em 1583.

Shakespeare começou a escrever na década de 1590, quando, através da introdução do drama litúrgico, a Inglaterra já tinha aproximadamente quatrocentos anos de atividades teatrais regulares. O autor dramaturgo escreveu obras teatrais da mais alta qualidade com temas que tratavam do assunto do momento durante o reinado de Elizabeth I (1558-1603) e de James I, que a sucedeu.

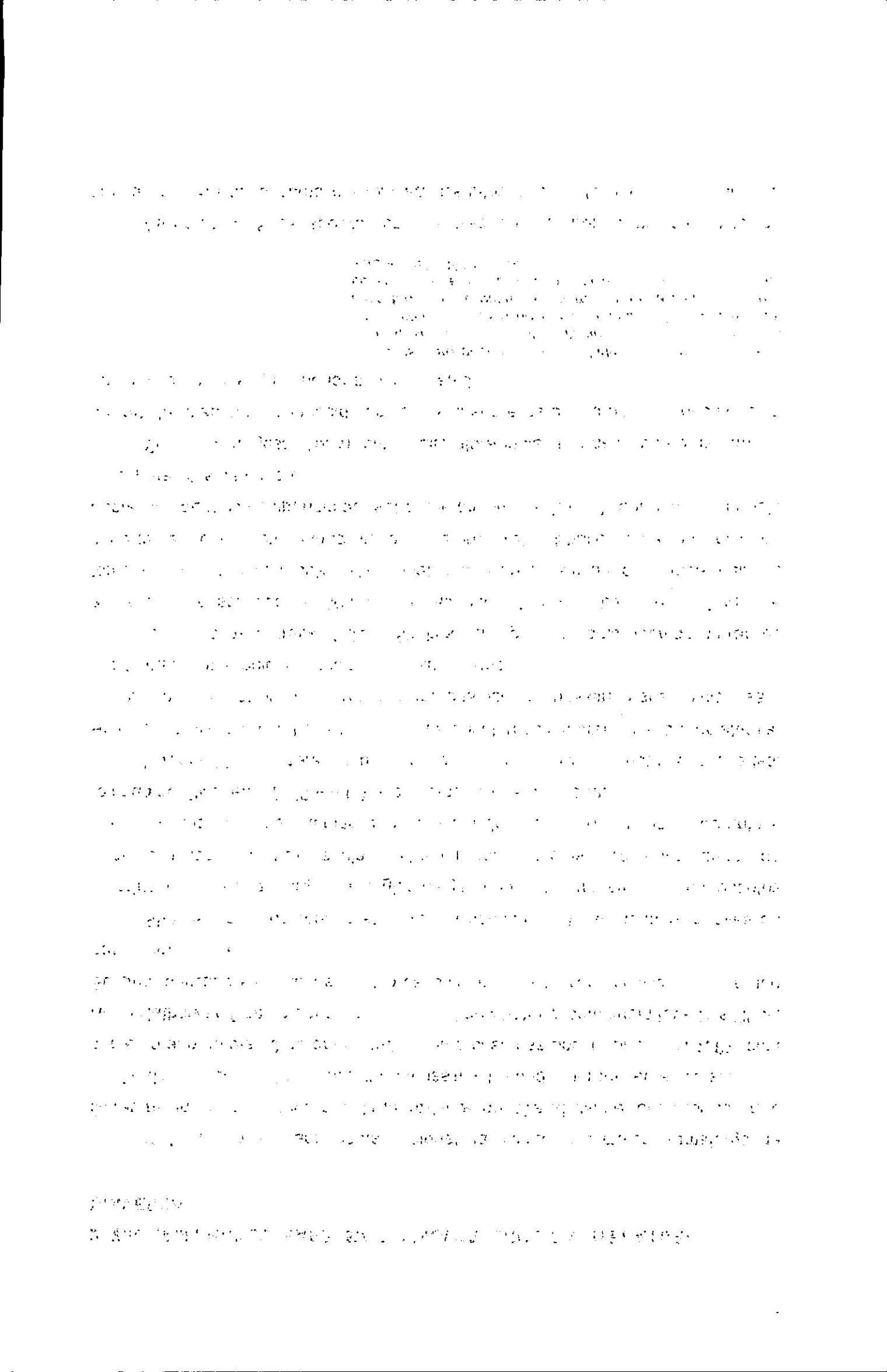
William Shakespeare foi um inovador na literatura, no teatro e nas artes. Acredita-se que durante treze anos, o autor devotou-se integralmente à dramaturgia, dependendo de patrocínio e proteção dos aristocratas, passando sua política, se é que tinha alguma, pelo Renascimento e Iluminismo.

No início da carreira William Shakespeare publicou dois poemas narrativos em estilo renascentista – "Vênus and Adonis", (1593) e "Lucrece", (1594) – e também os "Sonets", (1609), 154 sonetos que aparecem entre as mais belas e importantes obras em língua inglesa; já em 1594 Shakespeare era membro destacado de uma companhia de teatro que atuava no Globe Theatre, a melhor sala de espetáculos de Londres.

Segundo Burgess (1996), em "A Literatura Inglesa", Shakespeare não queria ser artista, mas ser reconhecido como cavalheiro e para isso usou as peças como um meio para conseguir chegar ao fim desejado.

> *...Shakespeare queria ter propriedades – terras e casas -, e isso quer dizer ganhar dinheiro. Escrever peças era basicamente um meio de ganhar dinheiro. O teatro era um meio tão bom de ganhar dinheiro como qualquer outro, se a pessoa tivesse recebido boa educação e um certo talento verbal. (BURGERS, 1996:90)*

As obras de Shakespeare constituem-se em sua grande maioria em textos dramáticos. Em suas obras ele explora assuntos que ainda hoje fazem parte de



nossa vida, como amor, ódio, vingança, ciúme entre outros. "Hamlet" (1600/1), a tragédia da dúvida, do desespero do solitário príncipe, da violência do mundo, é a sua peça mais representada e estudada até hoje.

Em suas obras, o dramaturgo utiliza-se de elementos do imaginário popular de sua época e de séculos atrás. Alguns mitos populares de outros países, também ganham conexão com os dramas de Shakespeare, como por exemplo, "Hamlet", que procede da mitologia escandinava.

Com as influências do imaginário popular, William Shakespeare encontra abrigo para sua escrita. Seus personagens, protagonistas ou antagonistas, ao contrário dos personagens gregos, possuem características do Renascimento. Eles são mais livres em suas vontades, em seus sentimentos e em seus gestos, o que mostra a autonomia do homem como parâmetro do enredo, ou seja, o homem é mais dono de si. *(...) As peças de Shakespeare contêm um elemento transbordante, um excesso que vai além da representação, que se aproxima da metáfora que denominamos "criação". (...)* (BLOOM, 1998:20-1).

Os personagens de Shakespeare têm a capacidade de se auto-recriarem, de se desenvolverem e isso ocorre porque às vezes, mesmo que involuntariamente, eles escutam a própria voz, falando consigo mesmos ou com terceiros.

Por ter se dedicado à magia, à metafísica e à leitura, com bastante conhecimento na Bíblia, o que fez com que trabalhasse como ator no teatro, Shakespeare, além de ter conhecimento com autores renascentistas e italianos também passou a admirar grandes pensadores e filósofos.

Outra característica do dramaturgo, começando pelas várias fases de sua vida, é a indefinição da catarse, isto é, da purificação das almas por meio da descarga emocional provocada por um drama, que deve acontecer por meio de uma ação ou escolha mal feita do herói. Podemos dizer que Shakespeare teve três fases em sua vida.

A primeira fase corresponde aos anos de 1589-1592, sendo dividida em três ciclos. Os dois primeiros ciclos correspondem à história da Inglaterra, marcados por peças dramáticas, cujo tema principal era o amor que se concretizavam com o casamento. Entre essas obras, destacamos Romeu e Julieta e Megera Domada como as mais importantes. O terceiro ciclo é o das tragédias romanas, no qual destacamos a obra "Júlio César" (1599-1600).

A segunda fase, denominada Maturidade, de 1600-1608, é marcada pela composição de obras pessimistas e *...amargas da existência e a profundidade no tratamento das paixões, conflitos e contradições da natureza humana.* (BURGESS, 2002:120). Entre essas obras destacamos "Hamlet" (1600/1), a mais enigmática e estudada de Shakespeare, sendo a mesma considerada uma tragédia da dúvida, do desespero do solitário príncipe perante a violência do mundo.

A terceira corresponde ao ano de 1610, quando William Shakespeare retornou à cidade natal, onde escreveu suas últimas peças e passou seus últimos anos, vindo a morrer em 23 de abril de 1616 e, após essa data, o mesmo passou a ser considerado um grande mito literário.

Um dos primeiros dramaturgos a sugerir aos britânicos que assumissem Shakespeare como modelo para uma literatura nacional foi o crítico alemão Gotthold Ephraim Lessing, pois a obra shakespeariana influenciou românticos de todos os países. Nenhum autor foi mais mencionado do que William Shakespeare. Ele é o nome mais famoso de toda a literatura inglesa.

William Shakespeare foi um cidadão inglês que teve sua vida profissional muito bem documentada. Ele fez uso do teatro para expressar seu talento e é para este último, bem como para sua arte, seu palco, seus atores e sua dramaturgia, que nos voltaremos para compreendê-lo, compreender o dramaturgo que fez a redescoberta da Antiguidade e a descoberta de novos mundos geográficos e científicos, que tinha um determinado tipo de visão e processo de educação.

Londres teve seu primeiro teatro permanente em 1576, com palco a céu aberto e sem cenografia, o qual tinha forma de carroças ambulantes da Idade Média. Com várias entradas e saídas, o palco era projetado para o meio do público, dividido entre palco exterior, interior e superior, os quais poderiam ser usados em conjunto quando assim o autor decidisse. Foi nesse palco despojado, um espaço aberto pelos poetas que o precederam, que Shakespeare deu início a sua caminhada e, com sua inteligência transformou toda a produção elisabetana.

> *(...) mesmo que ele tenha encontrado o seu caminho já em parte aberto pelos poetas que o precederam, sem seu gênio ele jamais poderia ter escrito nada tão diferente de tudo o mais que a época produziu, tão superior a virtualmente toda a produção elisabetana. Pode-se dizer que Shakespeare foi a cristalização perfeita desse longo processo de quatro séculos de aprendizado teatral; (...)* (HELIODORA, 1998:6-7)

Embora Shakespeare não tenha viajado pelo interior da Inglaterra em alguma companhia, preferindo firmar seu nome como poeta em Londres, suas poucas peças começaram a fazer sucesso entre 1592 e 94. Entretanto, como o teatro elisabetano existiu em função de sua linguagem, que era capaz de transformar o espaço fixo, neutro e vazio em qualquer outra coisa por meio de suas palavras, foi necessário o progressivo amadurecimento do dramaturgo como pessoa e como artista.

Então, com o intuito de obter esse amadurecimento, William escreveu dois longos poemas com uma pequena porção de erotismo sobre a mitologia clássica dedicados ao conde de Southampton, o que fez com que ele entrasse como sócio da companhia teatral de Lord Chamberlain's Men. Além desses poemas, ainda na década de 1590, Shakespeare se dedicou também à composição de sonetos, escrevendo 157 que formam a série shakespeariana. Diante disso fica claro que, além de autor, Shakespeare era poeta.

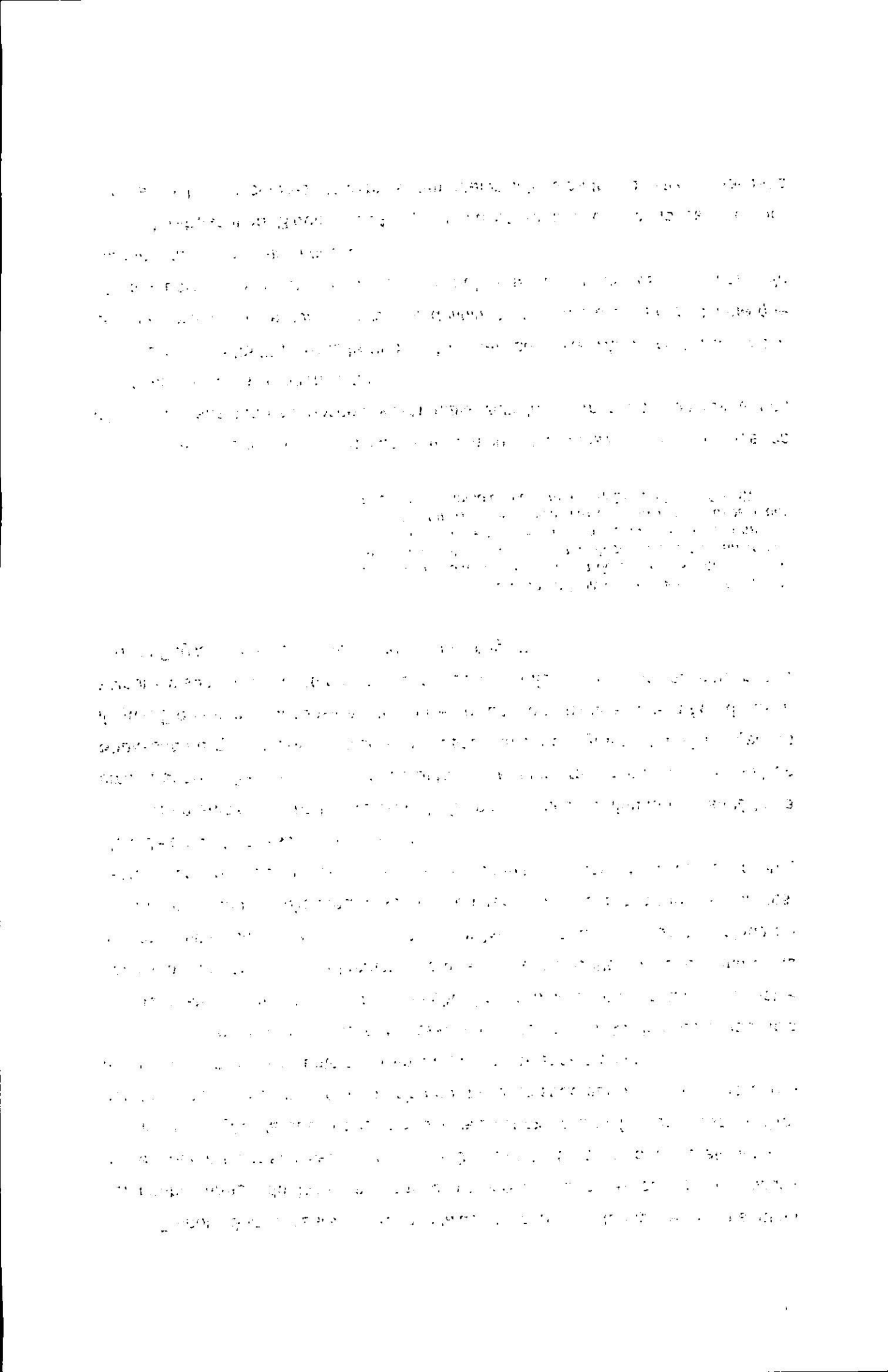
Bem antes da grande explosão da forma dramática, a língua inglesa já tinha uma grande safra de poetas, entretanto, foi a maneira de escrever de Willian Shakespeare que muitos consideraram responsável pela grande transformação da língua. Ele também foi considerado o inventor da modernidade, pois o fato de estar sempre disposto a inventar palavras ou usar metáforas ousadas fez com que o *Oxford English Dictionary* fosse criado a sua imagem.

> *... Willian Shakespeare como indivíduo e como artista, já que mais do que qualquer outra coisa do teatro elisabetano existiu em função de sua linguagem poética, capaz de transformar aquele espaço cênico fixo, neutro, vazio – e por isso mesmo flexível – em qualquer coisa que o poeta tivesse capacidade para criar por meio da palavra. (...)* (HELIODORA, 1998:9)

Essa capacidade de Shakespeare em inventar palavras fez com que os leitores e espectadores encontrassem mais vitalidade em suas palavras e nos personagens que as pronunciavam.

Bloom (1998:33), ressalta que: *(...) A vitalidade, que Willian Hazlitt chamava de "entusiasmo", pode ser a explicação definitiva da extraordinária capacidade que Shakespeare possuía de dotar de personalidades e de discursos inteiramente personalizados as suas criações.*

Parafraseando Bloom (1994:52), Shakespeare é o centro do cânone, por superar outros escritores ocidentais em maior intensidade cognitiva, vitalidade



lingüística e poder de invenção, ou seja, três dons ontológicos encontrados no dramaturgo que despertam em nós a capacidade de nos reconhecermos como seres conscientes, tanto que hoje podemos nos surpreender falando e entreouvindo a nós mesmos.

> *...Sem Shakespeare, não há cânone, porque sem Shakespeare não há eus reconhecíveis em nós, quem quer que sejamos. Devemos a Shakespeare não apenas nossa representação da cognição, mas muito de nossa capacidade de cognição.* (BLOOM, 1994:47)

Segundo ele, a maior originalidade do dramaturgo está na representação dos personagens, pois esses deixam o lugar de mera repetição e passam a criar novas formas de consciência, assim como acontece com os personagens Falstaff e Hamlet, que manifestam o consciente mais rico de toda a literatura.

Shakespeare possui a exigência básica para se escrever uma boa obra dramática, que é a convicção total de que se pode dizer alguma coisa sobre o homem, seu comportamento e suas relações com seus semelhantes e com o universo em que vive. Através de uma ação, ele define o caráter de seus personagens pelo fato de ser um grande conhecedor da mente humana.

O dramaturgo, segundo Johnson: *...imita a essência da natureza humana, que constitui um fenômeno universal e não social.* (BLOOM, 1998:27). Falstaff e Hamlet são, sem dúvidas, superiores a todos os outros personagens das respectivas peças em relação à imaginação, cognição, dotes lingüísticos e, acima de tudo, a personalidade, ou seja, eles constituem *a invenção do humano.*

Seus Clássicos moldaram a literatura ocidental com histórias de amor, drama e comédia, assim como as conhecidas peças Hamlet e Romeu e Julieta, textos que até hoje são frequentemente relembrados no teatro, no cinema e literatura. A habilidade de Shakespeare em usar a linguagem poética e os recursos dramáticos não tem parâmetro na literatura universal, ela é capaz de criar uma unidade estética a partir de uma multiplicidade de expressões e ações.

> *Ao ler as peças de Shakespeare e, até certo ponto, ao assistir a encenações, o procedimento mais sensato é deixar-se levar pelo texto e pelos personagens, e permitir uma recepção que possa se distanciar daquilo que é lido, ouvido e visto, de maneira a incluir quaisquer contextos relevantes.* (BLOOM, 1998:33)

Com isso, Shakespeare substituiu a Bíblia no consciente secular e tornou-se o primeiro autor universal, por continuar moldando indivíduos da era moderna por meio de processos pós-modernos e pós-gêneros. Procurando nos instituir como seres conscientes e não como cidadãos ou cristãos, Shakespeare ensina-nos o que e como perceber, da mesma forma que nos instrui em como e o que sentir.

A preocupação que Shakespeare tem com o contexto de uma sociedade constituída, na qual seus personagens fazem parte, é o que o diferencia de seus contemporâneos de forma definitiva. Esta preocupação, com a harmonia da vida individual e social, com a responsabilidade, com o bem-estar da comunidade, com a generosidade do amor, faz parte da vida do autor e sempre aparecem juntas em seu coração e em suas peças.

Através de seus livros e peças, que são extremamente persuasivos, Shakespeare tentou entender o ser humano em suas debilitações, forças, angústias e felicidades, com a presença de sentimentos marcantes e de caráter profundo, como arrependimento e dores de consciência que são muito visíveis em "Hamlet", que estava decidido a vingar a morte de seu pai, porém ficou angustiado pela dúvida.

William Shakespeare, como dramaturgo, não se prende a uma só crença, ele mantém certa distância entre a sabedoria e a transcendência. Dessa forma, mantendo constantemente o senso dramático junto com a arte de bem falar, torna-se difícil dar preferência à descrença do autor, assim como à indiferença da natureza, ou ao problema e ao sofrimento humano.

Harold Bloom considera Shakespeare mais do que o Cânone Ocidental, ele o considera também como o Cânone Universal, pois segundo ele o dramaturgo é capaz de resistir às humilhações submetidas pelos acadêmicos de instituições de ensino.

Shakespeare não era graduado, não era um homem de letras por profissão, e mesmo assim ele superou vários outros escritores que tinham um diploma de faculdade na mão. Shakespeare nos ensinou, em grande parte, a língua que falamos e criou os personagens que hoje se tornaram nossa mitologia.

William Shakespeare além de superar todos os seus rivais ao evidenciar uma psicologia de mutabilidade, também origina a descrição de autotransformação e

baseado no entreouvir-se, ele fixa o padrão e os limites da literatura, por isso a riqueza shakespeariana é parte de tudo que ultrapassa barreiras lingüísticas e culturais.

A representação de caráter shakespeariano tem uma riqueza fantástica devido à misteriosa capacidade que William Shakespeare tem em ostentar diferentes tipos de vozes, aparentemente reais, de seres imaginários, sendo que nenhum outro escritor, antes ou depois, nos dá uma ilusão mais forte de que cada personagem fala com uma voz diferente dos outros.

Os personagens de Shakespeare são abertos às variadas perspectivas que servem como instrumentos analíticos para nosso julgamento, com os quais somos capazes de nos identificarmos com relação à nossa personalidade, à nossa consciência humana, ao que somos capazes de oferecer, em outras palavras, nos identificamos enquanto seres humanos.

Freud leu Shakespeare em inglês durante toda a sua vida e o citava em suas cartas e conversas mesmo que de forma errônea. Ele era obcecado pelas peças do dramaturgo e, foi a partir das leituras realizadas nas obras shakespearianas que se derivou a psicologia humana de Freud.

Shakespeare é praticamente o único a manifestar ao mesmo tempo a arte difícil e a popular. Para Freud, em Stratford seu precursor era um nobre poderoso e enigmático. As obras do dramaturgo eram, para o pai da psicanálise, assim como para Goethe, *o centro secular da cultura, a esperança de uma glória racional na humanidade ainda por vir. (...) Em algum nível, ele entendia que Shakespeare inventara a psicanálise, ao inventar a psiquê, até onde Freud podia reconhecê-la e descrevê-la.* (BLOOM, 1994:)

Devido a sua vontade em aprender todos os gêneros dramáticos Shakespeare, saindo dos ensinamentos morais e de cidadania, experimentou a tragédia de clima senecano misturando o tom elevado da linguagem retórica junto a acontecimentos violentos e sangrentos, tendo como resultado a tragédia de "Tito Andrônico", uma peça promissora, porém confusa e complicada, na qual o autor está a caminho de alguma coisa, embora não estivesse certo que conseguiria ficar longe do melodrama e da narrativa em diálogo.

Em "Tito Andrônico" Shakespeare não conseguiu criar um protagonista trágico nem armar a ação como metáfora do significado pretendido. Ao ler a peça podemos perceber que o personagem Tito não tem riqueza interior, nem dimensões sólidas

que o compensasse em seus erros de julgamento, contudo, Shakespeare adquiriu muita experiência na tentativa de sua criação e, na Renascença, período que redescobriu causa e efeito, modificou radicalmente a face do gênero.

Como os criadores do teatro elisabetano não tinham princípios estéticos normativos a seguir, Shakespeare utilizava como tema em suas peças o amor, que embora apareça em todos os gêneros, encontramos com maior freqüência nas peças cômicas.

O tema amor, o qual é responsável pelos primeiros sucessos definitivos que o dramaturgo alcançou, era utilizado em cada uma de suas peças de uma maneira diferente, ora como amor romântico, amor que enobrece, amor que escraviza ou é escravizado, ora como amor a si próprio, amor a humanidade, e em várias outras formas, até mesmo sem ser verdadeiro. *...O arremedo do amor, a exploração do sentimento do outro por quem não o tem também aparecem desde logo.* (HELIODORA, 1998:38)

Ao se tratar do tema amor podemos citar duas obras de William Shakespeare, transformadas em filmes de grande sucesso, que praticamente todos nós conhecemos: "A Megera Domada", que tem certa ligação com a peça "A Comédia dos Erros" com o tom romântico bastante atenuado e "Romeu e Julieta", uma peça envolvente e apaixonante, principalmente para as adolescentes que sonham com o amor perfeito. Entretanto, "Romeu e Julieta" não é apenas uma história de amor, é também a primeira tragédia comunitária, que traz um sermão sobre os males da guerra civil encenada pelos jovens protagonistas que compraram com as próprias vidas a paz entre duas famílias que viviam em luta.

Para criticar o amor, Shakespeare escreveu a comédia "Noite de Reis", na qual ele indica, logo na primeira fala *Se a música alimenta o amor, tocai, / Daima em excesso...*, que os erros do excesso estarão presentes em toda a obra censurando o amor de si próprio, a pretensão e o convencimento.

É perante a diversidade do panorama de Shakespeare que podemos perceber que seu maior e verdadeiro amor é por toda a humanidade, tanto que ao se preocupar com o quadro sóciopolítico, nos quais seus personagens são inseridos, ele se preocupa também com o bom e mau governo e com a luta pelo poder, ou seja, ele se preocupa com a harmonia, a responsabilidade mútua e a generosidade.

Dessa forma, *...estarão sempre presentes em todas as peças as pressões sociais, as conseqüências de privilégios e de preconceitos, os interesses de classe e*

de toda espécie de grupo organizado, sua interferência na vida do indivíduo e do grupo. (HELIODORA, 1998:55)

Foi através da conjuntura inglesa e também, claro, da formação recebida em casa, na escola e na igreja que William Shakespeare definiu seus conceitos básicos em relação ao Estado e aos homens que procuram obter o jogo do poder. Para investigar a natureza dos governantes, por intermédio dos reis da Inglaterra, o autor ocupou-se com uma de suas peças, para falar sobre a ambição, o exercício e a perda do poder.

A peça utilizada pelo autor dramaturgo foi "Rei João", uma espécie de preâmbulo que, assim como "Ricardo II", faz parte da tetralogia histórica de Shakespeare e não tem nenhuma linha em prosa, o que está sempre presente nos dramas shakespearianos. Essas peças foram escritas para refletir sobre os problemas políticos da sociedade, já que o autor se preocupava muito com o bom governo e também com o bem-estar da comunidade como um todo.

A partir daí, devido à grande capacidade de Shakespeare em escolher o reino certo ou mais conveniente, o jogo do poder esteve sempre presente com maior significação nas obras shakespearianas para falar sobre seu exercício em relação ao bem-estar comum e, se caso houvesse mau governo dentro das peças, os indivíduos não tinham final feliz.

Em "Romeu e Julieta", por exemplo, William Shakespeare denuncia a guerra civil, ou seja, o mal que o ódio e as lutas entre partidos políticos poderosos dentro de uma mesma comunidade podem trazer para todos, possibilitando assim a destruição do amor, que era para o autor a imagem do mais negativo e terrível que pode acontecer no Estado. *"Romeu e Julieta" é uma história exemplar, um sermão contra os males da guerra civil, contra os danos causados à comunidade por aqueles que botam seus interesses individuais acima do bem comum.* (HELIODORA, 1998:77)

Já em "Júlio César", uma peça em forma de tragédia cujo período teve início em 1599, Shakespeare enfrenta um outro quadro político. A peça, embora construída sem defeitos é muito complexa, pois Shakespeare utiliza-se de fatos históricos bem conhecidos ao analisar a ação política dos homens e facções com visões contrárias do governo, expondo o assassinato de César, um homem de alta condição.

Com tudo isso é possível notar que nas peças históricas que falam da Inglaterra o dramaturgo conseguiu introduzir, por meio de sua ousadia, um tanto de pensamentos pouco convencionais, inquietos e reflexivos.

Em "Hamlet" não foi diferente. A primeira tragédia shakespeariana escrita depois de "Júlio César", que leva o nome do personagem principal, é repleta de características do período renascentista que faz com que Hamlet, um personagem feito de dúvidas, incertezas e indagações, porém responsável pelo seu destino, se torne o protagonista perfeito para a tragédia elisabetana, principalmente para a tragédia da vingança.

Podemos dizer então, que as peças de Shakespeare enalteciam a verdade, a ordem e a generosidade, sem se deixar cair na obviedade. Todavia, o enredo das peças era complexo fazendo com que alguns personagens, na maioria das vezes, permanecessem como meros observadores.

É interessante observar como Shakespeare expõe seus personagens, especificamente Hamlet, aos conflitos existentes no período renascentista, fazendo com que o homem passe a ser o centro do universo, moldando assim a sociedade à sua maneira. Segundo Bloom (1998:32):

> *...a opressiva realidade de Hamlet, personagem em constante conflito interno, não parece ser resultado de uma perplexidade entre o conhecimento pessoal e ideal. Ao contrário, Shakespeare cria-nos um Hamlet que é agente – em lugar de efeito – de percepções conflitantes. Convencemo-nos da realidade superior de Hamlet porque Shakespeare o liberta, ao torná-lo conhecedor da verdade, verdade a qual não conseguimos enfrentar.*

Logo, percebemos que a influência do período renascentista fez com que Hamlet apresentasse características das transformações que estavam acontecendo na sociedade vigente. Em outros termos *...Shakespeare cria maneiras diversas de representar a mudança no ser humano, alterações essas provocadas não apenas por falhas de caráter ou por corrupção, mas também pela vontade própria, pela vulnerabilidade temporal da vontade.* (BLOOM, 1998:26). Podemos dizer, então, que Hamlet é responsável por todos os acontecimentos dentro da tragédia, pois ele tinha o poder em decidir todas as ações dos demais personagens.

3- HAMLET: UM PERSONAGEM DO PERÍODO RENASCENTISTA

A peça "Hamlet" (1600/1), do dramaturgo inglês William Shakespeare é uma das obras mais estudadas da Literatura Ocidental, pois aborda questões que são comuns às pessoas, independentemente da época em que vivem, o que evidencia o caráter e os conflitos do homem em busca da sua compreensão, características específicas do autor que, através de sua criação, "Hamlet", faz com que ao lermos a obra, nós reflitamos sobre nossos atos e enxerguemos a espécie em que nos constituímos, isto é, a espécie humana.

> ***REI:*** *Embora a morte do nosso amado irmão Hamlet ainda esteja na nossa memória, e o justo luto oprima os nossos corações espalhando unânime dor por todo o reino, mesmo assim a moderação prevaleceu à natureza e fez com que pensássemos nele com mais serena tristeza e voltássemos a nos lembrar de nós mesmos. Assim a nossa irmã de ontem – hoje nossa rainha, companheira que partilha o governo desta nação belicosa – com magoada alegria e olhos auspiciosos mas molhados, quase misturando a marcha nupcial e os cantos fúnebres, tomamos por esposa. E ao fazer isto, não nos esquecemos dos conselhos dos sábios, livremente expressados no decorrer deste negócio de Estado: queria agradecer a todos antes de passar a outro assunto.* (SHAKESPEARE, 1996:16-7)

Segundo o Dr. Russel Jackson, do Instituto Shakespeariano de Stratford, "Hamlet" tem algo que apela para todas as pessoas, lidando com o que se pode chamar de problema pessoal no âmbito familiar e, além disso, no âmbito da polícia do reino, ou seja, todos os acontecimentos eram resolvidos pelo Rei e os membros do conselho.

A peça, cujo protagonista leva o mesmo nome Hamlet, entrou em registro em 1602, porém, já havia sido encenada em 1599. Ela, que tem em média de 4000 linhas dificilmente encenadas em seus pormenores, é uma das melhores e mais enigmáticas obras de Shakespeare.

Estudada cerca de quatro séculos, a obra, considerada como a tragédia da dúvida, que traz um herói complexo e cheio de virtudes, foi considerada também como a tragédia da vingança, pois, de acordo com Heliodora (1998), Hamlet apresenta todas as características desse tipo de tragédia:

> *(...) 1ª) a vingança é a principal ação da peça; temos de ver o que a provoca, como ela é planejada e sua execução; 2ª) a vingança é a causa da catástrofe: não pode aparecer depois da crise, tem de ser parte dela; 3ª) normalmente mostra fantasma(s) exigindo vingança; 4ª) há hesitação na execução da vingança; 5ª) há demora na execução, que não é repentina mas, sim, longamente planejada; 6ª) aparecem elementos de loucura real ou fingida e 7ª) a contra-intriga do antagonista é forte, bem armada e recebe considerável ênfase. (...)* (HELIODORA, 1998:103)

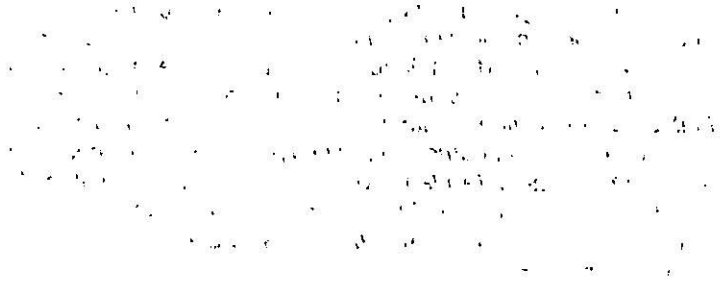
Segundo Bloom (1998:496), vários estudiosos acreditam que o grande sucesso de "Hamlet" (1600/1) está na reformulação de uma primeira obra, nomeada em Ur-Hamlet[1], escrita por Thomas Kyd, o mesmo autor de "A Tragédia Espanhola", porém, como podemos perceber, Bloom não concorda com essa idéia.

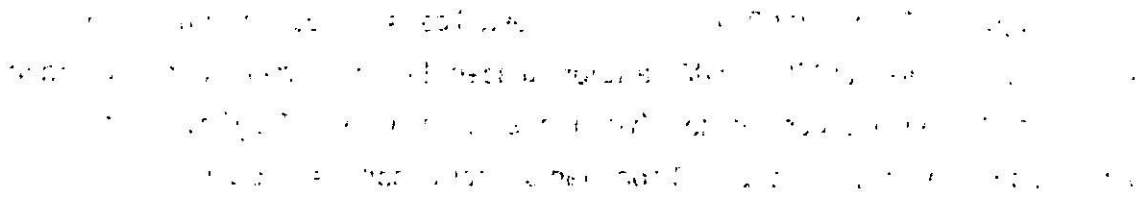
> *A Tragédia Espanhola gozava de grande popularirade, mas é uma peça ruim, tola, pessimamente escrita, o que qualquer leitor pode logo constatar. É difícil ir além das primeiras páginas, e inadmissível que a peça tenha impressionado Shakespeare. Será mais racional supor que a primeira versão de Hamlet tenha influenciado A Tragédia Espanhola, e que qualquer efeito do esquálido melodrama de Kyd encontrado no Hamlet em sua versão final demonstre Shakespeare recuperando algo que sempre lhe pertencerá.* (BLOOM, 1998:496)

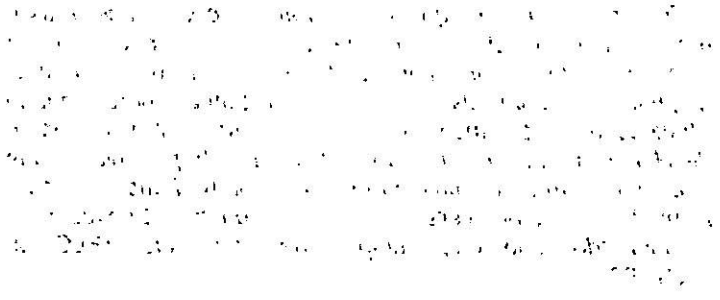
Após vários estudos sobre o assunto, por não concordar com a idéia de que "Hamlet" (1600/1) havia sido influenciado pela "A Tragédia Espanhola", Bloom (1998) afirma que Peter Alexander inferiu que *o próprio Shakespeare teria escrito Ur-Hamlet* no início de sua carreira e que, essa nova versão de "Hamlet" mostra um novo Shakespeare, isto é, mais maduro, deixando de ser apenas uma "tragédia de vingança" passando a ser o teatro do mundo, onde nenhum outro personagem das grandes tragédias compara-se a ele nem mesmo em suas multiplicidades.

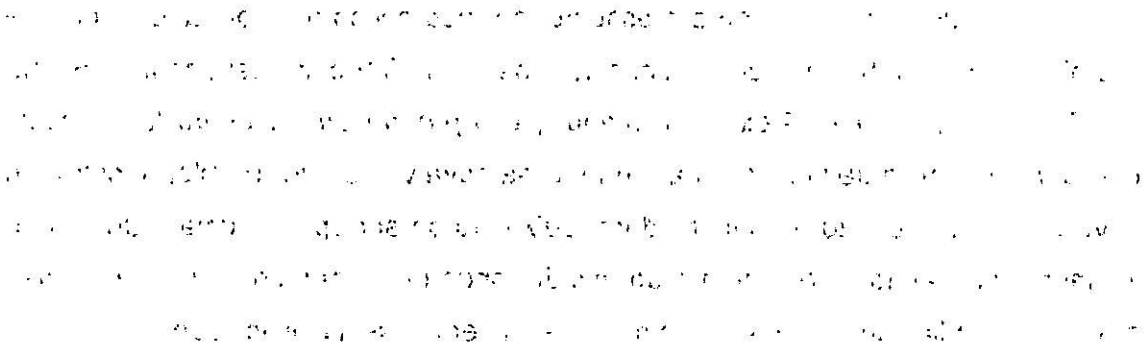
> *Nenhum outro personagem das grandes tragédias ou dos romances poderiam pisar o palco ao lado de Hamlet; alguns dentre eles podem até conter ceticismo, mas não um misto de ceticismo e Carisma. Ao lado de qualquer um deles, Hamlet estaria sempre na peça errada.* (IDEM:481)

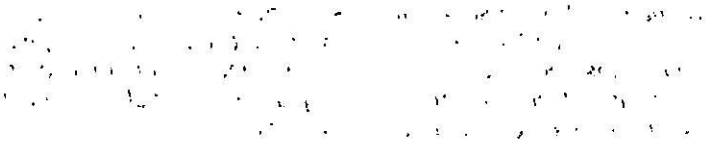
1- Com base nos estudos de Bloom (1998), alguns estudiosos elencam que "Hamlet" (1600/1), de Shakespeare seria na verdade uma segunda versão de "Ur-Hamlet" de Thomas Kyd.











Como autor do período renascentista, que tinha uma visão completa e humana da natureza, Shakespeare elabora a sua mais bela criação, "Hamlet" (1600/1), denominada por Bloom como a *invenção do humano*, que tem seu personagem principal, o Príncipe Hamlet, visto como um mito literário, já que o mesmo influenciou e ainda influencia no comportamento humano.

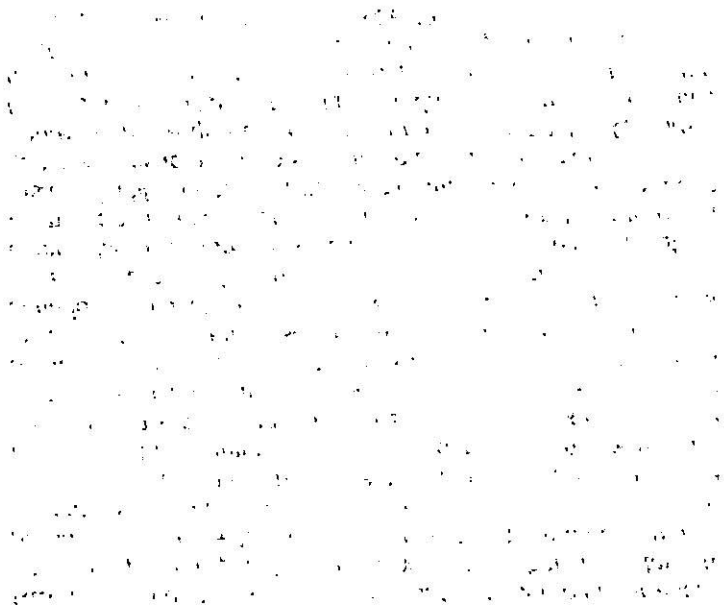
Hamlet, além de transcender seu tempo, conduzia a vontade de Deus na Terra e procurava explicações racionais e científicas para os fenômenos da natureza, valorizando, como um personagem individualista em busca de aprendizagem, as idéias individuais e científicas.

"Hamlet" (1600/1), de Shakespeare pode ser vista como uma obra antiga e, ao mesmo tempo, moderna. Nesse sentido, ela renova o teatro da antiguidade clássica, e se estabelece na era moderna do expansionismo burguês e repercute na direção da atualidade, refletindo nossas dores, angústias, tristeza, descaso, incertezas, medo e fraqueza.

> ***REI:*** *É digno da tua natureza generosa, Hamlet, guardar assim esse luto por teu pai. Mas, bem deverias saber disto, teu pai perdeu um pai, este perdido pai também perdera um pai; espera-se que quem sobrevive demonstre por algum tempo o seu sofrimento; mas manter-se em luto obstinado é teimosa manifestação de impiedade; é aflição pouco viril, demonstra uma insubmissa vontade aos céus, um coração sem força, um caráter impaciente, uma inteligência ainda não desenvolvida: e de que adianta opor-se com vã obstinação a tudo aquilo que há de ser e que sabemos ser a mais corriqueira experiência dos sentidos? É contra os céus, pecado contra os mortos, contra a natureza; um verdadeiro ultraje contra a razão, a qual tem como objeto a morte dos pais e desde o primeiro luto até o último sempre exclamou: é assim que deve ser! Livra-te desta tristeza inútil e pensa em nós como um pai, pois saibam todos que a sucessão ao trono será tua, e a minha afeição por ti é tão nobre quanto a que o pai mais terno tem pelo filho. Quanto à tua idéia de voltar a estudar em Winttemberg, isto é muito contrário ao nosso anseio; e te pedimos, te rogamos, fica como conforto para os nossos olhos solícitos, primeiro cortesão, e nosso filho.* (SHAKESPEARE, 1996:18)

Shakespeare tinha os costumes ingleses impressos em suas peças. Seus temas políticos como a sucessão do trono, o desejo do poder, e as intrigas internas no país podem ser facilmente conectadas com o contexto da época elisabetana.

Hamlet é um personagem que representa o homem do Renascimento, isto é, representa o homem "moderno". Homem que, ao valorizar o antropocentrismo,



passou a ser visto como o centro do Universo. Tudo passou a girar em torno do homem, as transformações, as guerras, os amores e, principalmente, as contradições humanas.

Em "Hamlet" (1600/1) essa visão antropocêntrica pode ser vista claramente. As certezas absolutas esvaeceram-se, o bem e o mal pararam de ter sentido, Deus deixou de ser "a morada do ser", ou seja, o centro de referência passou a ser o próprio homem, ele se encontra nele mesmo.

Hamlet era um jovem terno, sensível, que procurava o caminho ideal, mas com a visita que recebeu do fantasma de seu pai o Príncipe viu-se, de repente, diante da necessidade de uma grande ação que foi imposta a uma alma que não estava em condições de realizá-la naquele momento, a vingança pela morte do Rei Hamlet.

Hamlet, um Príncipe Dinamarquês e universitário intelectual, que abandonou os estudos na Universidade de Winttenberg retornando para Elsinore, modelada segundo os padrões da corte inglesa, quando soube da morte do pai, tinha uma ótima percepção capaz de enxergar a corrupção e a falsidade humana.

> ***HAMLET*** *– Oh! Se esta poluída, completamente poluída carne pudesse ser derretida, ser evaporada e dissolvida num orvalho! Por que o Todo-Poderoso fixou suas leis contra o suicídio? Meu Deus! Meu Deus! Como me parecem abjetas, antiquadas, e vãs todas as práticas deste mundo! Opróbrio para o mundo! Ah! Abjeção! É um jardim que não foi limpo, onde tudo cresce à vontade!...* (SHAKESPEARE, 2002:22)

Apesar dessa ótima percepção, Hamlet era cercado de dúvidas, as quais, juntamente com o ceticismo, abriram novo espaço para o trágico moderno dos séculos XVI e XVII.

Essa abertura de uma nova época revolucionária, que acontece em "Hamlet" (1600/1), desdobrou a dramática de uma indecisão entre a razão "contratualista" e o fundo escuro das paixões que se agitavam nos subterrâneos da História.

As dúvidas e insatisfações de Hamlet tinham muito em comum com os primeiros republicanos, que ainda viviam uma fase de pessimismo e devaneio. Essa dúvida sistemática de Hamlet está na raiz do seu "ver mais além", o que contribuiu na formatação de uma individualidade com fundas raízes no antropocentrismo dos séculos citados acima.

O individualismo é um dos principais temas de discussão entre as ciências humanas e sociais da modernidade, pois parece ter uma história bastante significativa dentro do curso da humanidade e traz em si uma posição particular diante do sistema em que o homem moderno está inserido.

No período renascentista o homem buscava a singularidade, a auto-responsabilidade, a liberdade, ou seja, a individualidade, e isso, era o que Hamlet procurava. Como um personagem central da obra, responsável por toda a ação da tragédia, do início ao fim, Hamlet era um personagem individualista, pois buscava se libertar do julgo das instituições políticas, econômicas e religiosas.

Como inovador da literatura, Shakespeare trabalha em "Hamlet" (1600/1) a questão da vingança e do ciúme que o filho sentia pela mãe. Essa tragédia shakespeariana se dá em função da vingança do Príncipe Hamlet, que tem seu pai, o finado Rei Hamlet, assassinado pelo próprio tio (Cláudio) que, posteriormente, casa-se com sua mãe (Rainha Gertrudes) e assume o trono como o sucessor do Rei.

Segundo Goethe, a verdadeira tragédia de Hamlet deu-se pela súbita ruína que acometeu o jovem na sua até então vida segura e de aparente bom convívio familiar. De repente, com a súbita aparição do Espectro do pai, com quem descobre a verdade sobre o assassinato do mesmo, deu-se um terremoto na vida do Príncipe.

Hamlet sofreu desmoronamento total da confiança na ordem ética que era representada pelo elo que o ligava aos pais, os quais amavam e honravam, e que se rompera de uma maneira tão horrenda ao descobrir a sordidez que envolvia a morte do pai e o repentino casamento da sua mãe, a Rainha Gertrudes.

A partir do apressado casamento da Rainha com Cláudio, o jovem príncipe é levado ao desespero, ou seja, ele passa a viver uma crise existencial, que podemos perceber em seu primeiro monólogo:

> ***HAMLET*** *– (...) Morto há apenas dois meses! Não, não há tanto tempo assim: nem dois! Um rei tão excelente... mais diferente deste que Hipérion, deus do sol, o é de um sátiro! Tão afetuoso para com minha mãe, que não teria permitido que as auras celestes roçassem com força o seu rosto! Céu e terra! Preciso recordar? Vivia a ele agarrada, como se o seu desejo por ele aumentasse à medida que se satisfazia! E mesmo assim, ao fim de um mês... Não quero pensar nisto!... Fragilidade, teu nome é mulher!... Um mês apenas, antes mesmo que ficassem usados os sapatos com que acompanhara, como Niobe, em pranto, o corpo de meu pobre pai... Ela! Ela mesma!... Ó Deus! Um animal a quem falta o*

> *sentido da razão teria sentido dor mais duradoura. Casada com meu tio, irmão de meu pai, mas que se parece tanto com ele quanto eu com Hércules. Antes de um mês! Antes mesmo que o sal de suas lágrimas hipócritas abandonasse o fluxo de seus olhos inflamados... Casada! Oh! Pressa maldita de correr com tanta sofreguidão para leito incestuoso! Não é, nem pode acabar bem! Estoura meu coração, pois devo refrear minha língua!* (SHAKESPEARE, 2002:22-3)

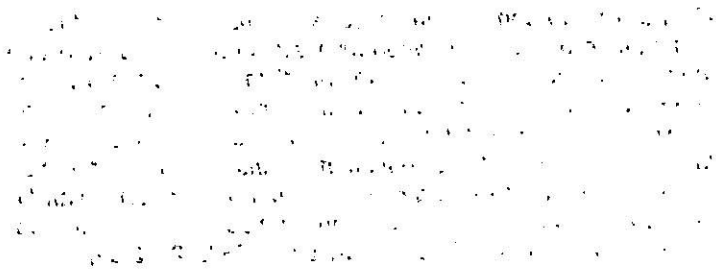
Podemos dizer que esse monólogo de Hamlet contribui para a estabilidade da imagem dominante do desenvolvimento da língua dramática de Shakespeare. Imagem esta que se espalha pelo reino da Dinamarca assim como o veneno que se espalhou nas veias do Rei Hamlet, causando-lhe a morte. Esta é a imagem da podridão, da corrupção, ou seja, a imagem de Cláudio que corrompeu a Rainha, Polônio, Laertes, Rosencrantz e Guildenstern.

No segundo monólogo, depois da chegada dos atores e da declamação que os mesmos fazem de um trecho sobre Hécuba, que Hamlet atinge o auge do desespero em um paroxismo de autoflagelação. Monólogo este que conclui o segundo ato, quando Hamlet começa ter esperança de liberdade da dúvida por conseguir articular a providência concreta em relação à sua tarefa, fazendo com que os atores encenassem a morte de seu pai.

> *Ouvi dizer que certos criminosos, assistindo a um espetáculo, sentiram-se de tal modo impressionados com a sugestão que lhes apresentava a cena, que imediatamente revelaram os crimes que haviam praticado; porque embora o homicídio não possua língua, pode falar pelos meios mais miraculosos. Vou fazer que esses atores encenem diante de meu tio algo parecido com o assassinato de meu pai. Ficarei observando-lhe o rosto; vou pô-lo à prova e, por menos que fique alterado, sei o que me incumbe fazer. (SHAKESPEARE, 2002:54)*

As cenas mais atrativas da peça acontecem em lugares lúgubres durante a noite, período que Hamlet vê como a hora dos mais possíveis horrores que o homem pode viver, como, a aparição do Espectro que acontece exatamente à meia-noite, por exemplo, envolvendo o medo, a escuridão e os mistérios que o homem desconhece, podendo levá-lo a cometer horrores de abalar o dia.

Stanley Wells, do Instituto Shakespeariano de Stratford, afirma que o fantasma é o grande tema que cai na existência humana. De acordo com o crítico, o fantasma está sempre presente nas mentes de Hamlet e da platéia, comprovando



que Shakespeare explora em suas obras assuntos que ainda hoje fazem parte da nossa vida.

A aparição do Espectro pode ser encaixada no dogma da Religião Católica, que prega sobre almas que se encontram em estado purgativo, assim como ocorre com o fantasma Hamlet, que estava nesse estado por matar, em uma batalha, o antigo Rei, pai de Fortimbrás, para ficar com o reino.

Como foi dito anteriormente, "Hamlet" (1600/1), é conhecida popularmente como uma tragédia da vingança. O objetivo da peça é do início ao fim a vingança, que acaba por gerar outras. Assim como Hamlet quer vingar-se pela morte do pai, Laertes, um dos filhos de Polônio, que tem o pai assassinado pelas mãos do Príncipe e a irmã morta pela loucura em que a mesma se encontrava, causada por Hamlet, também buscava vingar a morte destes. Por último, aparece Jovem Fortimbrás da Noruega em busca de vingança à memória de seu pai, que fora morto pelo Rei Hamlet para ficar com as terras da Dinamarca.

Se pararmos para analisar, podemos perceber que Ofélia e Laertes são retratos simplificados de Hamlet. As duas características encontradas em Hamlet, a loucura e o desejo de vingança, são divididas entre esses dois personagens. Enquanto Ofélia fica louca com a morte do pai e pelo mau tratamento recebido por Hamlet, Laertes procura deseja se vingar.

Hamlet, logo que ouve a revelação do Espectro, adota uma suposta loucura. Loucura esta que é toda escrita em prosa e, por meio dela, Hamlet pode dar liberdade à sua antipatia pelo Rei e por Polônio. Porém, quando Hamlet encontra-se sozinho ou na companhia de seu amigo Horácio, ele fala em verso, que é a linguagem do pensamento harmônico, o que mostra que o príncipe está simplesmente fingindo-se de louco.

Muitos chegaram a acreditar que a loucura de Hamlet era verdadeira, principalmente Polônio, que tinha certeza que o motivo da insanidade do príncipe se devia ao fato de Ofélia ter rejeitado sua proposta de amor.

Para provar ao Rei Cláudio que a rejeição de Ofélia ao amor de Hamlet era o motivo da insanidade do príncipe, Polônio decidiu marcar um encontro entre o casal e ficaria vigiando o comportamento de Hamlet com Ofélia, que por sinal foi muito mal. Hamlet agiu como louco perante Ofélia, tratando-a asperadamente quando a mesma foi entregar-lhe os presentes que havia recebido do príncipe junto a cartas de juras de amor.

O jovem príncipe sente-se um reparador de uma injustiça, um homem com uma missão. A ela irá dedicar todos os momentos de sua vida, mesmo que tenha que sacrificar seu amor por Ofélia e ainda tirar a vida de outras pessoas para salvar a sua.

Hamlet, no objetivo de abandonar tudo, exceto sua vingança, se apresenta diante da jovem Ofélia utilizando-se da suposta loucura no intuito de causar-lhe determinada impressão, assim como para despedir-se dela. O comportamento de Hamlet foi extremamente convincente, o que causou conseqüências específicas, a loucura de Ofélia.

> ***OFÉLIA*** *– Meu senhor, tenho de vós algumas lembranças que há muito tempo desejava devolver-vos. Peço que agora as recebais.*
> ***HAMLET*** *– Não, eu não; nunca te dei coisa alguma.*
> ***OFÉLIA*** *– Meu honrado senhor, sabeis perfeitamente bem que sim e acompanhando vossos presentes com frases de tão doce alento que muito mais preciosas se tornavam. Perdido o perfume que possuíam, aceite-os de volta; porque para um nobre coração os mais ricos presentes tornam-se pobres, quando aquele que oferece o presente já não mais demonstra afeto. Ei-los, meu senhor!*
> ***HAMLET*** *– Ah, ah! És honesta?*
> ***OFÉLIA*** *– Meu senhor!...*
> ***HAMLET*** *– E bela?*
> ***OFÉLIA*** *– Que quer dizer vossa alteza?*
> ***HAMLET*** *– Que se fores honesta e bela, tua honestidade não deveria permitir nenhuma homenagem à tua beleza.*
> ***OFÉLIA*** *– Meu senhor, com quem a beleza poderia manter melhor comércio do que com a honestidade?*
> ***HAMLET*** *– Sim, é verdade. Porque o poder da beleza transformará a honestidade em alcoviteira, muito antes que a força da honestidade transforme a beleza à sua imagem. Antigamente, isto era um paradoxo, mas agora o tempo mostra que é coisa verdadeira. Amei-te um dia...*
> ***OFÉLIA*** *– Foi, de fato, meu senhor, o que me fizestes acreditar.*
> ***HAMLET*** *– Não deverias ter acreditado em mim, pois a virtude não pode ser enxertada em nosso velho tronco sem que permaneça em nós algum mau ressaibo. Eu não te amava.* (SHAKESPEARE, 2002:57-8)

Por outro lado, Rei Cláudio para não se deixar enganar e ter certeza do que se passava na cabeça de Hamlet, mandou que os oficiais Rosencrantz e Guildenstern vigiassem o príncipe e descobrisse toda a verdade.

> ***Rei*** *– Bem-vindos, prezados Rosencrantz e Guildenstern! Além de nosso grande desejo de ver-vos, a necessidade que temos de vossos serviços levou-nos, a chamar com urgência. Já*

> *ouviste falar a respeito da transformação de Hamlet. É a palavra que mais convém, pois, não só exteriormente quanto interiormente, está completamente mudado. Que outra coisa senão a morte do pai lhe tenha conturbado de tal maneira o próprio entendimento? Peço, pois, a vós, que fostes educados com ele desde a infância, amigos de juventude e familiares de seus gostos, que aceiteis permanecer algum tempo em nossa corte, a fim de levá-lo em vossa companhia aos prazeres e ver se, recolhendo todos os indícios que a ocasião vos oferecer, conseguis esclarecer qual seja a causa, para nós desconhecida, que assim o aflige, para que, uma vez descoberta, possa ser remediada.*
> ***Rainha** – Bondosos cavalheiros, ele falou muito a vosso respeito, e tenho certeza de que não há dois homens no mundo com os quais meu filho se sinta mais ligado. Se quiserdes dar provas de vossa gentileza e boa vontade, aceitando passar algum tempo conosco, para ajudar e alentar nossa esperança, vossa atenção receberá os agradecimentos que correspondem ao reconhecimento de um rei.* (SHAKESPEARE, 2002:40)

De acordo com Heliodora (1998), Hamlet foi testado três vezes: a primeira vez, como já foi dito, foi pelos oficiais Rosencrantz e Guildestern que o enchera de perguntas; a segunda vez por Ofélia, e a terceira com a Rainha Gertrudes, que após perceber o comportamento de Hamlet ao ver como Cláudio se sentira durante a apresentação da peça, o chamou em seu quarto, onde o mesmo matou por engano Polônio e, mais uma vez, recebeu a visita do Espectro.

Como já dissemos, Hamlet faz parte do gênero trágico, melhor dizendo, faz parte do gênero da tragédia da vingança, pois tem suas características próprias, entre elas, a demora do herói em executar sua vingança, cujo o motivo, segundo Freud:

> *...continua sendo o fato de seu tio ter realizado uma ação que havia sido desejada pelo próprio Hamlet quando de sua infância. Com isso, o ódio sentido pelo tio-padrasto é "substituído por auto-recriminacoes, por escrúpulos de consciência, que o fazem lembrar que ele próprio, literalmente, não é melhor que o pecador que deve punir.* (FREUD, 1972:281)

Demora esta que, segundo o crítico Stanley Wells, se dá porque Hamlet só age por instinto, precisando assim reunir todos os seus impulsos, tanto lógicos quanto ilógicos, racionais e irracionais, para executar sua vingança sem que precisasse sentir-se traído.

Sendo assim, podemos afirmar que Hamlet não é, portanto, um personagem débil, mas o mais forte, que age com inteligência e que impõe respeito. Sua demora em agir pode ser vista como um estratagema, esperando a melhor hora de atacar, tanto que Hamlet tem a oportunidade de matar Cláudio, quando este está rezando, porém desiste esperando um melhor momento, já que se o matasse naquela hora a alma do Rei iria para o céu e Hamlet tornar-se-ia culpado.

> ***HAMLET*** *– Agora que está rezando, posso aproveitar e cair sobre ele. E é o que farei agora... Mas assim irá ele direto para o céu, e seria essa a minha vingança?... Será melhor refletir. Um infame assassina meu pai, e eu, filho dele, envio o canalha para o céu. Oh! Isto seria premiar e remunerar, mas não vingança. Ele surpreendeu meu pai na grosseira fartura de inchado pão, impuro, com todas as culpas em plena flor, tão viçosas quanto uma planta no mês de maio! E quem, a não ser Deus, sabe como saldou suas dívidas? Segundo todos os indícios e de acordo com nossas presunções, suas faltas são graves. E fica cumprida a vingança, ferindo eu o criminoso enquanto purifica seu espírito, quando se acha disposto e preparado para o transe fatal? Não, volta para teu lugar, espada, e escolhe ocasião mais monstruosa!* (SHAKESPEARE, 2002:71)

"Hamlet" é considerado também como uma tragédia da inteligência. Quase toda a ação que ocorre na peça é geralmente precedida de uma concepção intelectual, que se alterna com rompantes bruscos e violentos que terminam conduzindo-o ao final trágico.

Assim, Hamlet tornou-se uma espécie de paradigma involuntário do intelectual, pois quase sempre suas ações eram paralisadas pela exuberante atividade do seu pensamento.

Como o drama essencial da tragédia surge através do confronto entre protagonista e antagonista, a demora de Hamlet em agir só reforçou o contraste entre ele e Cláudio, que usa de intrigas e planos secretos para atingir seus objetivos e concretizar seus crimes, porém as artimanhas cerebrais do príncipe são poderosos instrumentos na elaboração de sua grande vingança.

Hamlet, ao invés de continuar enganando seus espiões, fingindo-se de louco, decidiu buscar identificação de seu dever, pois o fato de ser espionado convence-o ainda mais da veracidade do Espectro. Essa mudança, fez com que Hamlet ficasse

ainda mais agressivo com Cláudio, o que fez com que sua posição perante o Rei ficasse ainda mais perigosa.

Hamlet decidiu então ficar agressivo com seu tio e, orientado pelo seu intelecto, reproduziu em frente a toda a corte, quase que de improviso, aproveitando-se da presença de uma trupe de atores, a cena da morte de seu pai para expor o seu assassino, ou seja, o rei.

Para esta agressão contra Cláudio, Hamlet contou com a ajuda de seu amigo Horácio, o qual, juntamente com o príncipe, observou o comportamento do rei que, a partir da encenação, ficou certo de que Hamlet já tinha o pleno conhecimento de que o pai havia sido assassinado por ele.

"Hamlet" (1600/1) é, certamente, a mais bem sucedida história de vingança levada aos palcos. Ela, desde o início, coloca o público ao lado do jovem príncipe, pois o ato da vingança, o qual Francis Bacon definiu como uma "forma selvagem de fazer justiça", sempre seduziu a todos.

Anthony Burgess (1971:60) ressalta que apesar de Hamlet se destacar no teatro shakespeariano, o destino, o qual o desejo do personagem está submetido, não lhe é uma força implacável, diferenciando-se assim da forma que o destino aparecia no teatro grego.

> *...há uma grande diferença entre a concepção grega da tragédia e a shakespeariana. O herói shakespeariano tem o poder da escolha; ele tem livre arbítrio. São suas próprias falhas de caráter que acarretam sua queda.*

O heroísmo em "Hamlet" não está apenas no ato de uma vingança, mas na imensa capacidade que o protagonista tem de olhar para dentro de si mesmo, de sondar o seu interior e de revelar em toda sua complexidade o seu sofrimento e sua angústia moral frente às responsabilidades que lhe foram impostas.

O Hamlet de Shakespeare é para Harold Bloom o fundador da consciência na literatura dramática. Ele é um indivíduo original, único, dominado por tamanha subjetividade em sua linguagem.

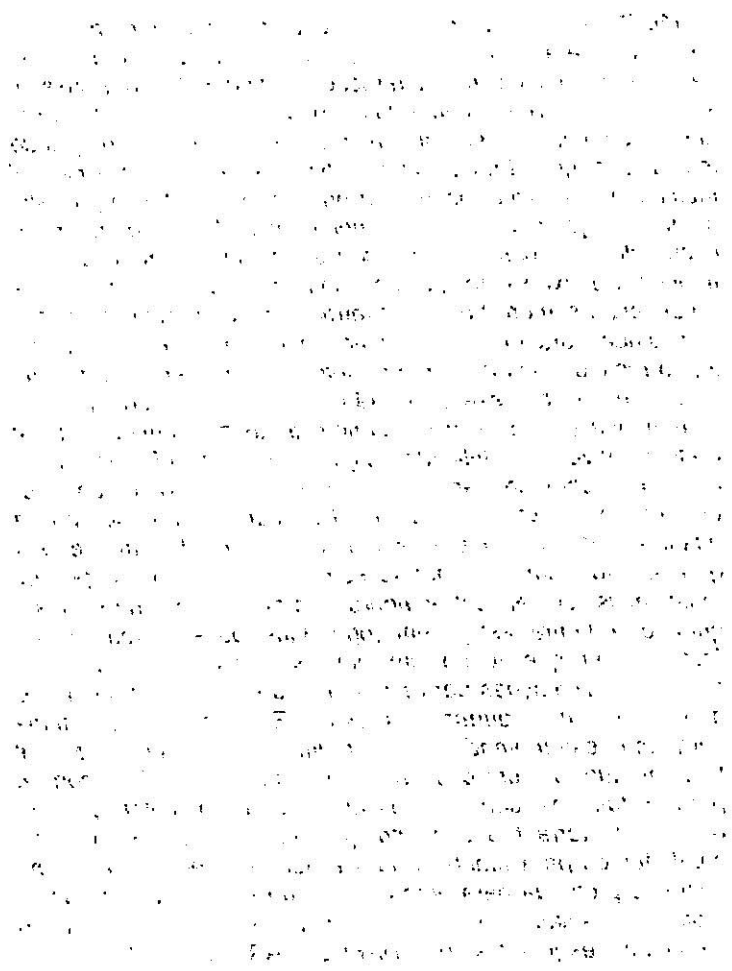
Na peça podem ser percebidos vários momentos em que a narrativa se precipita para a sua interioridade, e que uma primeira pessoa se manifesta de maneira fortemente subjetiva e dramaticamente humana.

Ao se confrontar com o exemplo de Fortimbrás, que luta por sua honra e pela memória de seu pai, Hamlet percebe que tem muito mais motivos ainda para lutar por sua própria vida e para livrar a Dinamarca de um rei corrupto e sem escrúpulos.

> ***HAMLET*** *– (...) Todos os acontecimentos me acusam, impelindo-me à minha triste vingança! Que valeria um homem, se o bem principal e o interesse de sua vida consistissem somente em dormir e comer? Não passaria de um animal. Sem dúvida alguma, aquele que nos criou com uma tão grande inteligência, que abrange o futuro e o passado, não nos deu tal faculdade e a divina razão para que em nós mofasse por falta de uso. Seja, agora, esquecimento animal ou algum tímido escrúpulo de pensar nas conseqüências com excessiva minúcia (reflexão esta que de quatro partes trem uma só de prudência e sempre três de covardia), não compreendo porque vivo ainda para dizer: "Isto ainda está por fazer", visto que tenho motivo, vontade, força e meios para fazê-lo. Não faltam, para me incitar, exemplos tão patentes quando a terra; testemunha é este exército, numero e custoso, guiado por um príncipe jovem e delicado, cujo espírito inflado de divina ambição escarnece o acaso invisível e arrisca, tão-somente por uma casca de ovo, o que é mortal e incerto, a tudo que possa ousar a fortuna, a morte e o perigo. Verdadeiramente, ser grande não significa agitar-se sem uma razão maior, porém, muito mais, em encontrar nobre querela por qualquer coisa, quando a honra esteja em jogo. Que papel estou, então, fazendo, eu que tenho um pai assassinado e uma mãe maculada, excitações para minha razão e para meu sangue e deixo que tudo durma em paz? Enquanto, para minha vergonha, estou vendo a morte iminente desses vinte mil homens que, por um capricho e uma ilusão de glória, correm para os túmulos, como se fossem leitos e combatem por um pedaço de terra tão diminuto que não oferece espaço aos combatentes para manter a luta e nem sequer é uma tumba bastante profunda para enterrar os mortos. Oh! A partir deste momento, sejam de sangue meus pensamentos, ou só mereçam o esquecimento!* (SHAKESPEARE, 2002:83-4)

De acordo com Heliodora (1998:111), em "Hamlet", *os monólogos são presos a um determinado clima emocional, à angustia da incerteza na busca do comportamento certo a ser adotado.* O fragmento acima é o sétimo e último monólogo do personagem, no qual ele expressa seu processo interior de um temperamento especial, que por sua vez se encontra isolado no ambiente em que vive com seus conflitos.

Ao lermos "Hamlet" podemos perceber que o príncipe transcende a peça, assim como Shakespeare transcende seu tempo literário. Hamlet é diferente de seus pais, de seus contemporâneos e da realidade do seu contexto histórico.



Com isso, somos levados a crer que o poeta cria um personagem que o representa dentro da peça, para assim poder expressar com mais liberdade as atitudes, os sentimentos e as ações sociais que o incomodavam, ou seja, expressar características concernentes ao psicológico humano.

Uma marca que o poeta deixa de que o personagem Hamlet o está representando, é que o Príncipe utiliza-se de uma peça para servir-lhe como meio de provar que todos estavam enganados a respeito do Rei, ou seja, ele usou a arte para expressar suas idéias e conflitos, assim como Shakespeare modificou o enredo da obra original para colocar suas idéias.

Outro fato importante, é a forma como Hamlet critica a Deus por seus desígnios para com o homem. Ele, um personagem que representa o homem do período renascentista, critica a vida por ser tão breve e com tantas possibilidades para ser vividas, por dar tanta inteligência ao ser humano e não deixá-lo usar, tornando a vida sem sentido e contraditória.

Podemos dizer que "Hamlet", sem dúvida, é a peça mais longa de Shakespeare que carrega as maiores evidências da subjetividade do autor, a que traz consigo as digitais do gênio por assim dizer.

Mesmo reconhecendo que a criatividade de um poeta é formada por diversos motivos, Freud afirma que Shakespeare escreveu a peça "Hamlet" sob o choque da morte de John, seu pai, explicando assim a presença de um fantasma paterno já no primeiro ato da peça, lembrando também, como já foi dito neste trabalho, de seu filho que se chamava Hamlet, o que conclui que a vida psicológica do protagonista da peça era também a do próprio autor.

Devido ao grande encontro de inteligências presente em "Hamlet" (1600/1), a obra está caracterizada como "o tema da astúcia", peça na qual tem como objetivo vencer o outro através de artimanhas. Com exceção da Ofélia e da Rainha Gertrudes podemos perceber atos astutos entre todos os personagens da tragédia, principalmente em Hamlet, o mais astuto entre todos. Essa exceção que encontramos nas duas personagens femininas da peça pode ser explicada pelo fato de talvez existir certo preconceito às mulheres da época.

Hamlet é muito astuto e até mesmo temerário em suas ações. Para cumprir sua vingança executa friamente seus planos e estratégias, sem se importar com os outros, assim como acontece com Rosencrantz e Guidenstern, mortos pelo príncipe enquanto o acompanhava em direção a Inglaterra.

> ***HAMLET*** *– ...saí de meu camarote, envolto em meu capote de marinheiro e, na obscuridade, tateei procurando as cartas; meus dedos encontraram o pacote desejado e, finalmente, recolhi-me, novamente, à minha cabine! Tomando coragem, chego com meus temores a esquecer todo o escrúpulo, quebro o selo da grande mensagem real. Lá encontro, Horácio – oh! Régia indignidade! -, uma ordem terminante, temperada com variadas e diversas classes de razoes, concernentes à saúde da Dinamarca e também da Inglaterra, falando das calamidades que poderiam sobrevir se eu continuasse vivo. Assim sendo, tão logo a carta fosse lida, sem perda de tempo – nem mesmo para afiar o machado -, devia ser minha cabeça decepada. (...) Vendo-me assim completamente cercado por tantas vilanias... sentei-me, redigi uma outra mensagem da melhor maneira que me foi possível. (...) Queres saber o que escrevi?*
> ***HORÁCIO*** *– Sim, meu bom senhor.*
> ***HAMLET*** *– Uma premente ordem do rei, na qual dizia: "como" a Inglaterra fosse sua fiel tributária; "como" o afeto entre ambas devia florescer do mesmo modo que as palmeiras; "como" a paz usará sempre sua grinalda dourada e lavantar-se-á qual laço de união entre suas amizades, e muitos outros "como" de semelhante valor, ele devia, vista e conhecida a mensagem, mandar matar os portadores da referida mensagem, sem dar-lhes tempo nem sequer para a confissão.* (SHAKESPEARE, 2002:106)

No trecho acima, podemos perceber que Hamlet age com astúcia para salvar sua vida, mesmo tendo que sacrificar a vida de duas pessoas.

Hamlet confessa para seu amigo Horácio que ele preparou a morte de Rosencrantz e Guildenstern para salvar sua vida, entregando-lhe a carta, um documento assinado pelo Rei, na qual ordenava sua morte na Inglaterra, pois acreditava que a Dinamarca precisava de provas concretas da culpa de Cláudio, para que a morte deste fosse aceita de forma correta.

Outro momento que Hamlet mostra sua astúcia, e também ironia, é quando o mesmo, na biblioteca da corte, finge-se de louco para Polônio no intuito de atingir seu objetivo.

> ***POLÔNIO*** *– ...Vou falar novamente com ele... Que estais lendo, meu senhor?*
> ***HAMLET*** *– Palhavras, palavras, palavras.*
> ***POLÔNIO*** *– E qual é a intriga, meu senhor?*
> ***HAMLET*** *– Entre quem?*
> ***POLÔLIO*** *– Quero dizer: qual o assunto que estais lendo, meu senhor?*
> ***HAMLET*** *– Calúnias, senhor! Um satírico maldizente diz aqui que os velhos têm a barba grisalha, a pele enrugada, que seus olhos purgam espesso âmbar e resina de ameixeira, que são cheios de ausência de espírito, juntamente com fraquíssimas nádegas; tudo o que, senhor, embora o acredite inteiramente, não acho, contudo, decente que ponham assim nestes termos,*

> *porque vós mesmo, meu senhor, ficarieis tão velho quanto eu, se pudésseis andar para trás como um caranguejo.*
> ***POLÔNIO** – (À parte.) Embora seja pura loucura, há sensatez no que diz...* (SHAKESPEARE, 2002:44-5)

É na loucura que Hamlet aproveita para falar tudo que pensa, sem rodeios nem meias palavras, ou seja, coisa que uma pessoa em perfeito estado de lucidez não o faria por mais verdade que fosse.

Hamlet é um personagem cheio de dúvidas, dúvidas essas que causaram a demora de sua vingança. Devido a essas dúvidas Hamlet foi nomeado também como um herói indeciso, porém, o mesmo busca explicações a respeito de suas dúvidas, o que podemos perceber em um dos mais conhecidos solilóquios do herói, solilóquio este que até hoje está presente em nossas vidas.

> ***HAMLET** – Ser ou não ser, eis a questão! Que é mais nobre para alma: sofrer os dardos e setas de um destino cruel, ou pegar em armas contra um mar de calamidades para pôr-lhes fim, resistindo? Morrer... dormir; nada mais! E com o sono, dizem, terminamos o pesar do coração e os inúmeros naturais conflitos que constituem a herança de carne! Que fim poderia ser mais devotamente desejado? Morrer... Dormir!... Talvez sonhar! Sim, eis a dificuldade! Porque é forçoso que nos detenhamos a considerar que sonhos possam sobrevir, durante o sono da morte, quando nos tenhamos libertado do torvelinho da vida. Aí está a reflexão que dá à desventura uma vida assim tão longa! Pois, senão, quem suportaria os insultos e desdéns do tempo, a injúria do opressor, a afronta do soberbo, as angústias do amor desprezado, a morosidade da lei, as insolências do poder e as humilhações que o paciente mérito recebe do homem indigno, quando ele próprio pudesse encontrar repouso com um simples estilete? Quem gostaria de suportar tão duras cargas, gemendo e suando sob o peso de uma vida afanosa, se não fosse o temor de alguma coisa depois da morte, região misteriosa de onde nenhum viajante jamais voltou, confundindo nossa vontade e impelindo-nos a suportar aqueles males que nos afligirem, em vez de nos lançarmos a outros que desconhecemos? E é assim que a consciência nos transforma em covardes, é assim que o primitivo verdor de nossas resoluções se debilita na pálida sombra do pensamento e é assim que as empreitadas de maior alento e importância, com semelhantes reflexões, desviam seu curso e deixam de ter o nome de ação. Agora, silêncio!... A bela Ofélia! Ninfa, em tuas orações, que os meus pecados sejam lembrados!* (SHAKESPEARE, 2002:57)

Este monólogo shakespeariano é um exemplo de como os vácuos da produção são preenchidos subjetivamente quando os períodos históricos e artísticos são os "sujeitos" ou, quando sujeitos são posicionados de maneira convergente a uma ideologia dada no interior de um mesmo período.

Através deste solilóquio, Hamlet expressa os conflituosos sentimentos em que se encontrava, ou seja, a dúvida entre lutar ou aceitar a situação corrupta em que a Dinamarca estava, dúvida esta que, ainda em nossos dias, é existencial no homem, que perante as incertezas de um mundo desconhecido, opta em enfrentar as mazelas de um mundo já conhecido.

Para um melhor esclarecimento D'Onofrio (1997:320), interpreta o fragmento acima da seguinte forma:

> *Está colocado aqui o dilema fundamental do ser humano: aceitar evangelicamente o sofrimento, o ultraje e a injustiça ou revelar-se e tentar enfrentar as adversidades, retrucando com as mesmas armas da violência e da perfídia e não seria melhor refugiar-se no esquecimento do sono, do sonho, da morte? Mas como encontrar na morte o descanso de todas as opressões, se apenas terríveis ameaçam os suicidas no mundo desconhecido do além?*

Com tudo isso, podemos ter a certeza de que Shakespeare, retratando uma problemática universal através da "dúvida existencial" e da incerteza que nos impede de agir, consegue nos retratar perfeitamente como seres humanos condicionados que somos. Esse processo faz com que a peça "Hamlet" seja classificada como "a tragédia dos conflitos da consciência".

Muitos se perguntam por que "Hamlet" (1600/1) é a obra mais famosa do renomado autor, Willian Shakespeare. Segundo Heliodora (1998), "Hamlet" é a obra mais famosa de Shakespeare porque a mesma é uma "metáfora da própria vida", ou seja, é o retrato fiel de nossa vida. Hamlet, assim como todo herói trágico deve ser, é responsável pelos seus atos, ele preocupa-se com o seu nome, tanto que à beira da morte o herói deixa seu amigo Horácio encarregado de explicar todas as suas ações. Além disso, Hamlet é muito persuasivo em suas falas, ele tem o poder do convencimento, o que D'Onofrio chama de "a arte de convencer".

Não obstante, Bloom afirma-nos que "Hamlet" (1600/1) é uma obra-prima porque, entre outras qualidades, proporciona um mergulho profundo na consciência humana. Assim como, retomando James Joyce, ele diz que "Hamlet" é a favorita por se identificar com o filho de Shakespeare, que morreu aos onze anos de idade.

De acordo com Harold Bloom, as falas irônicas de Hamlet deixam-nos em dúvida se a peça é mesmo um caso pessoal do renomado autor. Essas falas, assim como algumas perguntas do herói, fazem-nos refletir sobre as verdades que

envolvem o mundo. *Hamlet: ...E como nenhum homem é dono do que abandonará um dia, que importa abandoná-lo cedo ou tarde?* (SHAKESPEARE, 2002:110)

Durante a leitura que fizemos da peça, foi possível perceber que "Hamlet" (1600/1) representa tão bem as coisas comuns que nos envolvem no dia-a-dia que, em algumas passagens da obra, o autor demonstra certas habilidades e espertezas de pessoas de nível inferior com o objetivo de comprovar que um elevado nível de inteligência não depende apenas de questões financeiras, nem mesmo de um nível superior de ensino, mas sim de um grau de inteligência maior que outros, como aconteceu com o coveiro que, em diálogo com Hamlet que acabara de chegar da Inglaterra, é considerado como esperto:

> ***HAMLET*** *- Para que homem está cavando?*
> ***PRIMEIRO COVEIRO*** *- Não é para um homem, senhor.*
> ***HAMLET*** *- Para qual mulher, então?*
> ***PRIMEIRO COVEIRO*** *- Tampouco para nenhuma.*
> ***HAMLET*** *- Quem será enterrado nele?*
> ***PRIMEIRO COVEIRO*** *- Alguém que foi mulher, senhor, mas que hoje em paz descansa. Está morta.*
> ***HAMLET*** *- Como é categórico esse patife! Devemos falar-lhe de cartão na mão, pois senão arranja logo um equívoco para nos enredar. (...)* (SHAKESPEARE, 2002:100)

Hamlet não só nos mostra que a situação financeira não influencia em tudo que, ainda no cemitério, o mesmo nos faz conscientizarmos de que todos nós caminhamos em direção à morte e que, independentemente de termos dinheiro ou não, temos o mesmo fim, isto é, vamos para o mesmo lugar, o que aconteceu com o falecido Imperador Alexandre, o qual Hamlet ressaltou enquanto segurava o crânio do pobre Yorick, o antigo bobo do Rei.

> ***HAMLET*** *– Acreditas que Alexandre tivesse este aspecto debaixo da terra?*
> ***HORÁCIO*** *– Acredito.*
> ***HAMLET*** *– E cheirava deste jeito? Pua! (Atira o crânio.)*
> ***HORÁCIO*** *– Do mesmo jeito, senhor.*
> ***HAMLET*** *– A que usos vis podemos voltar, Horácio! Por que a imaginação é incapaz de acompanhar as nobres cinzas de Alexandre até encontrá-las tapando a boca de um tonel?(...) Alexandre morreu, Alexandre foi sepultado, Alexandre virou pó; o pó é terra da terra, fazemos o barro e por que com esse barro,...* (SHAKESPEARE, 2002:102)

Esse foi um momento de falas que mesclaram comicidade e espanto ante os mistérios da existência humana.

Hamlet retornou para Elsinore completamente mudado. Com mais maturidade o herói não teve mais monólogos, o que nos faz pensar que o seu distanciamento da Corte fez com que o mesmo adquirisse maior objetividade em relação a sua missão, a qual, mesmo sem saber como, sabe que vai realmente cumpri-la.

Essa transformação que Hamlet obteve nos leva a um processo de auto-avaliação, levando-nos a entender que somos seres sujeitos a mudanças, mudanças essas interiorizadas em nosso ser. Dependendo da situação em que nos encontramos, nos tornamos seres de virtudes ou defeitos.

Nós temos muitas vezes que nos transformarmos de acordo com as situações em que nos encontramos, abandonando a existência de um "eu" e adaptando-nos em vários "eus", da mesma forma que Hamlet faz.

Hamlet deixa de ser quem ele realmente é, um príncipe universitário, um homem de princípios e conhecimentos para cumprir sua vingança. Com isso, ele apaga tudo que aprendeu e assume uma postura de louco para alcançar seu objetivo.

O príncipe não só atinge seu objetivo como também ganha a admiração do jovem norueguês Fortimbrás, que após a morte de Hamlet assume o trono.

> ***FORTIMBRÁS*** *– Que quatro capitães levantem Hamlet como um soldado sobre o pavês, pois, se tivesse reinado, não há dúvida de que teria sido um grande rei!* (SHAKESPEARE, 2002:115)

Hamlet morreu durante um duelo com Laertes, duelo este que foi proposto pelo rei quando soube que o príncipe não havia morrido na Inglaterra como mesmo recomendou. Com o intuito de matar Hamlet, Cláudio convenceu Laertes a propor o duelo a Hamlet com o objetivo matá-lo através de uma armadilha feita pelo rei, vingando-se assim pela morte do pai e da irmã.

Horácio até tentou fazer com que o príncipe desistisse do duelo, mas não teve sucesso.

> ***HORÁCIO*** *– Se vosso espírito está sentindo apreensão por alguma coisa, obedecei-lhe. Providenciarei que não apareçam aqui, dizendo-lhes que não estais preparado.*
> ***HAMLET*** *– De modo algum! Desafio os augúrios; existe uma providencia especial na queda de um pardal. Se for agora, não está para vir, se não está para vir, é esta a hora;e se esta é a hora, virá de qualquer modo. Estar prevenido é tudo. E como nenhum homem é dono do que abandonará um dia, que*

> *importa abandoná-lo cedo ou tarde? Que assim seja.*
> (SHAKESPEARE, 2002:110)

Hamlet já estava decidido. Seu estágio emocional já estava equilibrado permitindo-lhe encarar o cumprimento de sua tarefa. No fim do duelo, Hamlet mata Cláudio com a espada envenenada, a mesma que propositadamente o feriu e, após isso despediu-se da Rainha que morreu envenenada durante o duelo.

Enquanto Hamlet estava agonizando perdoou e pediu perdão a Laertes que, assim como ele, também agonizava. Além disso, implorou a Horácio que permanecesse vivo para contar sua história para evitar que seu nome ficasse manchado, mostrando sua preocupação com o futuro do país. Podemos dizer então, que Horácio se encaixa no perfil do personagem como observador.

Como podemos perceber, várias mortes foram necessárias para que Hamlet concretizasse sua vingança, sendo que o príncipe poderia desde o início ter matado o tio dando a questão por encerrada.

É importante atentarmos que a morte do herói não significa sua derrota, mas sim a continuidade do ciclo, a manutenção da ordem dentro do caos. Trata-se de uma morte que liberta e que mostra todas as culpas. Em outros termos, liberta a sociedade de um governo medíocre e corrupto.

Enfim, Hamlet é uma história sensacionalista, de assassinato, suicídio e loucura (loucura real / fingida). "Hamlet" (1600/1) é uma prova concreta de que Shakespeare elevou-se, afinal, seu texto tem um notável valor literário, o que em seu tempo foi caracterizado como arte popular e hoje é considerado como a mais refinada dramaturgia inglesa de todos os tempos, pois apresenta o homem vivendo os processos da evolução causada pelo período renascentista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período renascentista foi um marco para a história da humanidade, pois o mesmo instaurou uma nova maneira de pensar e agir, trazendo progressos para o campo das artes, da literatura e das ciências. Com isso, o homem, no Renascimento, passou a ser o centro do universo, opondo-se com o Sistema Feudal e, por sua vez, com a visão teocêntrica da Igreja.

A literatura, por sua vez, passou a apresentar as mudanças que estavam acontecendo no período vigente, apresentando personagens que traziam consigo conflitos internos e, conseqüentemente, externos, devido às mudanças.

O dramaturgo Shakespeare soube representar com infinita grandeza as principais características do Renascimento. Seus personagens, especificamente Hamlet, apresentam traços marcantes de pessimismo, dúvidas, vingança, enfim, melancolia. Hamlet apresenta-se como um personagem individualista que busca explicações racionais e científicas para os fenômenos da natureza. Dessa maneira, ele transcendia seu tempo conduzindo a vontade de Deus na terra.

Podemos considerar "Hamlet" (1600/1), como uma das obras que mais soube representar o homem do período renascentista, uma vez que a obra denominada como o cânone da literatura ocidental. Logo, podemos dizer que em "Hamlet", Shakespeare apresenta o homem como o centro do universo, pois é o personagem principal que decide as ações dos demais personagens, enfim, decide o desenrolar de toda a tragédia.

Referências Bibliográficas

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

_____. *A invenção do humano.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa.* São Paulo: Ática, 1996.

FREUD, Sigmund. *A interpretação de sonhos (1900),* in: *Edição Standard Brasileira da Obras Completas de Sigmund Freud.* Volume IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare.* São Paulo: Perspectiva, 1998.

ONOFRIO, Salvatore D'. *Literatura Ocidental. Autores e obras fundamentais.* São Paulo: Ática, 1997.

SHAKESPEARE, Willian. *Hamlet.* São Paulo: Martin Claret, 2002.

TUFANO, Douglas. *Estudos de literatura brasileira.* São Paulo: Moderna, 1988.

Hamlet. Dir. Castle Rock Entertainment. Columbia Tristar Home Vídeo. São Paulo, 1996.

http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera02/perfil/mat5/txtmat5.htm
http://www.permanencia.org.br/revista/arte/hamlet.htm
http://br.geocities.com/revistacriacao2001/hamlet.htm
http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero3/textocezar.html

700887

Biblioteca - Unemat - PLA

00014013

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14013
Data 19/08/2009
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta